

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**O PASSEIO DO LIVRO NAS MÃOS DO SUJEITO:
manifestações no espaço público, vestígios históricos e significados**

MARISTELA MELO BARROSO

**MARINGÁ
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**O PASSEIO DO LIVRO NAS MÃOS DO SUJEITO:
manifestações no espaço público, vestígios históricos e significados**

Dissertação apresentada por Maristela Melo Barroso, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora: Prof^(a). Dr(a).: VERÔNICA REGINA MÜLLER

MARINGÁ
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) (
Biblioteca Central - UEM Maringá - PR, Brasil)

B277p Barroso, Maristela Melo
O passeio do livro nas mãos do sujeito:
manifestações no espaço público, vestígios
históricos e significados / Maristela Melo
Barroso. -- Maringá, 2015.
105 f.; Il.; fotos;

Orientador: Prof. Dr. Verônica Regina
Müller

Dissertação(Mestrado em Educação) -
Universidade Estadual de Maringá. Centro
de Ciências Humana, Letras e Artes.
Departamento de Teoria e Prática da
Educação. Programa de Pós-graduação em
Educação.

1. Educação. 2. Educação social. 3.
Infância e adolescência - Iniciativas de
leitura. 4. Espaço público - Leitura. 5.
Políticas públicas de leitura I. Müller,
Verônica Regina, orient. II. Universidade
Estadual de Maringá. Centro de Ciências
Humana, Letras e Artes. Departamento de
Teoria e Prática da Educação. Programa de
Pós-graduação em Educação. III. Título.

370 21.ed.

MARISTELA MELO BARROSO

**PASSEIO DO LIVRO NAS MÃOS DO SUJEITO:
manifestações no espaço público, vestígios históricos e significados**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Verônica Regina Müller – UEM- Maringá

Prof^a. Dr^a. Glória Mercedes Valdivia de Kirinus-UFPR- Curitiba

Prof^a. Dr^a. Ercília de Paula – UEM- Maringá

29 de abril de 2015

Data de Aprovação

DEDICATÓRIA

A todas as crianças e adolescentes que passaram pelos
projetos Leituras ao Vento e Leituras ao Luar.
Os dias e noites foram mais bonitos rodeados de borboletas e estrelas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me acolhe em todos os momentos... “Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado...”. Jo 12,20-33.

À minha mãe Maria José, em especial, por cuidar, acreditar e amar incondicionalmente todos os filhos e me ensinar a viver com alegria no Amor de Deus, mostrando os melhores caminhos. Ao meu pai Aristeu José, que com sua alegria e dedicação me incentivou a ir cada vez mais longe.

À meus irmãos Marcelo, Márcio e Marcos por me apoiarem e cuidarem de mim, em todos os momentos, mesmo com a distância, se fizeram presentes em pensamentos e orações, e me amaram como se fosse irmã “caçula”.

Ao meu marido, Wagner, por seu companheirismo, dedicação, atenção, carinho e paciência por ter acreditado que os domingos teriam os melhores ventos... “Sem a tua metade não seria o que sou”.

À minha filha, Adah Maria, tão linda e luminosa, por permitir estar ausente em sua vida, dando força, coragem, entusiasmo, carinho em todas as horas. O melhor é seguir com suas brincadeiras, beijos, sorrisos e abraços... “Você é o que há de melhor em mim”.

À Professora Doutora, Verônica Regina Müller, pela inestimável paciência e acolhimento, que extrapolou os limites acadêmicos com sua generosidade, respeito e firmeza.

Ao pessoal do grupo de estudos Infância, Adolescência e Juventude, do projeto Brincadeiras e do PCA-UEM, pelos encontros teóricos e discussões da *práxis* mais lúdicas que um intelectual poderia ter, em especial a Luisa Demarchi e Mariana Rosseto.

As amigas irmãs de Maringá, Hilda e Angelita pela afetuosa amizade e compartilhamentos dos momentos mais importantes da minha vida. Às amigas irmãs de Porto Velho, Nilcilene Oliveira e Valéria Castro, mesmo com toda a distância estão sempre presentes.

Ao amigo Alexandre Israel-Pinto por todos os cafés transbordados de carinho, abraços, ensinamentos, reflexões e beleza.

Ao amigo Alisson Douglas, pelos dias “desfocados” regados a sorrisos e cuidado.

Aos “filhos” amigos, Igor e Antônio, que refrescaram o caminho com muita alegria e atenção a Adah e a mim.

Aos amigos do Clube de Leitura Maringá e Clube de Leitura Bons Casmurros, pela amizade conquistada entre livros e discussões calorosas e pelos cafés e filmes intermináveis na casa do Alberto, a segunda “casa” dos clubes.

Casa das Palavras

“... As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser colhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido...”

Eduardo Galeano

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Projeto leituras ao Vento na Praça da Catedral de Maringá.....	20
Figura 2: Projeto Leituras ao Luar na Praça da Catedral de Maringá.....	24
Figura 3: Clube de Leitura Bons Casmurros.....	25
Figura 4 Clube do Livro na PUC-PR/Maringá.....	28
Figura 5: Clube de Leitura Maringá na Biblioteca Pública Bento Munhoz da Rocha.....	30
Figura 6: Um Poema em cada árvore na Praça da Catedral de Maringá.....	32
Figura 7: Clube de Leitura Riso e Livros.....	33
Figura 8: Minibiblioteca do Sossego no Parque Gomm.....	34
Figura 9: Minibiblioteca Livre de Araucária.....	35
Figura 10 Sala de Leitura, do Bando da Leitura.....	36
Figura 11: Esqueça um livro em São Paulo.....	37
Figura 12: Sarau na Casa de Leitura Arigóca.....	38
Figura 13: “Santa Leitura” na Praça Duque de Caxias de Belo Horizonte.....	39
Figura 14: “Leituras no Sítio” da prof. ^a Glória Valadares Granjeiro.....	40
Figura 15: Açougue T-Bone.....	42
Figura 16: Crianças no Parque.....	44
Figura 17: Mães e filhos na Bebeteca.....	45
Figura 18: Bairro atendido pelo projeto.....	46
Figura 19: Contação de histórias.....	46
Figura 20: Adolescentes da Rede de Escritores, na Oitava Feira do Livro da Colômbia.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 11: Iniciativas de leitura do Brasil e da América Latina	17
Quadro 12: Questões norteadoras.....	18
Quadro 13: Livros lidos pelo Clube de leitura Bons Casmurros.....	27
Quadro 14: Livros apresentados do Clube do Livro.....	29
Quadro 15: Livros lidos pelo Clube de Leitura Maringá.....	31
Quadro 16: Quadro sintético das iniciativas literárias descritas.....	49

BARROSO, Maristela Melo. **O Passeio do Livro nas Mãos do Sujeito**: manifestações no espaço público, vestígios históricos e significados. n° de folhas (105 f.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Verônica Regina Müller. Maringá, 2015.

RESUMO

A presente investigação visa identificar características em iniciativas de leitura em espaços públicos para subsidiar futuras possibilidades de construção de políticas públicas para a implementação de iniciativas literárias no espaço urbano da cidade de Maringá, quiçá de outros municípios. Busca em iniciativas já existentes, uma linha comum de atuação e princípios que valorizem e criem sustentação para uma Cultura da Leitura satisfatória numa sociedade individualista, cosmopolita e fragmentária dentro do contexto neoliberal atual. Diante disso, elencamos os seguintes objetivos: localizar e descrever diferentes iniciativas de leituras em espaços públicos em âmbito local, nacional e latino-americano; sistematizar características das iniciativas para a detecção de aspectos curiosos e/ou coincidentes; refletir sobre as origens de determinadas características encontradas e apontar possíveis aspectos a serem considerados quando da implementação de políticas públicas de leitura em espaços públicos. A investigação foi construída a partir da pesquisa bibliográfica e documental, com base em pressupostos qualitativos. Os dados coletados foram tratados por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). O caminho metodológico consistiu na revisão de literatura e o mapeamento de iniciativas literárias governamentais e não-governamentais na cidade de Maringá, em outras regiões do Brasil e na América Latina, obedeceu dois critérios: ser uma iniciativa literária e ser realizado em espaço público. Os resultados foram tratados sob o enfoque histórico e indicaram a ausência de leitura em espaços públicos e considerações acerca dos vestígios históricos e significados das características da leitura em espaços públicos e a relação com o direito à leitura.

Palavras-chave: Direitos da criança e do Adolescente, Cultura da leitura; Espaço público; Políticas Públicas.

BARROSO, Maristela Melo. **THE TOUR OF THE BOOK ON THE INDIVIDUAL'S HAND: MANIFESTATIONS ON PUBLIC SPACE, HISTORICAL REMAINS, AND MEANINGS.** Number of pages: 105. Dissertation (Master's Degree in Education) – State University of Maringá. Mentor: Verônica Regina Müller. Maringá, 2015.

ABSTRACT

The present investigation aims to identify characteristics of reading initiatives in public spaces to support future possibilities of the construction of public politics for the implementation of literary initiatives in the urban space of the city of Maringá, perhaps even on other cities. It searches on already existent initiatives a common behavior, and principles that value and create a base for a satisfactory Literature for an individualistic, cosmopolitan and fragmented society current neoliberalism context. Facing this reality, we have the following objectives: localize and describe different initiatives of reading in public spaces at local and Latin-American range; systematize the characteristics of the initiatives for the detections of curious and/or coincident aspects; reflect about the origins of the specific found characteristic, and indicate possible aspects to be considered for the implementation of public politics of reading in public space. The investigation was constructed based on a bibliographic and a documentary research with bases on a quantity assumptions. The data collected were treated with an analysis of content (BARDIN, 1977). The methodological way consisted on a literature review and a mapping of governmental and non-governmental literature initiatives on the city of Maringá, and on other regions of Brazil and Latin American, which followed two criterias: to be an literature initiative and to be localized on a public area. The results were viewed by the historical approach and showed an absence of reading in public spaces, which coincides with the neoliberal politics, reflection about historical remains and meanings of characteristics of reading in public spaces related with reading as a right.

Key words: Children and teenager rights. Culture reading, public space, public politics

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. MANIFESTAÇÕES DE INICIATIVAS LITERÁRIAS	20
2.1. Projeto Leituras ao Vento	21
2.2 Maringá e outras localidades do Brasil	26
2.3. América Latina	45
2.4. Quadro sintético das iniciativas literárias descritas	50
3. VESTÍGIOS HISTÓRICOS E SIGNIFICADOS DAS CARACTERÍSTICAS DA LEITURA EM ESPAÇOS PÚBLICOS	62
3.1. Ausência de leitura nos espaços públicos no contexto neoliberal	62
3.2. Elementos de evolução do capitalismo liberal à sua fase neoliberal	67
3.3. Faces do público.....	73
3.4. Direito à leitura.....	86
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102

1. INTRODUÇÃO

As escolhas que fazemos estão fortemente interligadas com as experiências que vamos construindo ao longo de um processo contínuo, de histórias vivenciadas, produzidas e que vão transformando nosso modo de agir e estar no mundo. São experiências íntimas, acadêmicas, profissionais, culturais que formam um tabuleiro de impressões e sentimentos que nos levam a descobrir um horizonte de novas realidades e potencialidades. Assim podem ser descritas as experiências que culminaram no Projeto Leituras ao Vento - projeto de incentivo à leitura para crianças e adolescentes que se realiza quinzenalmente aos domingos na Praça da Catedral da cidade de Maringá-PR.

A experiência da maternidade me proporcionou escolhas, entre elas destaco, a preocupação com o lazer no que diz respeito à primeira filha. Observei o despreparo das instituições e empresas que tratam do seguimento de lazer e entretenimento infantil na cidade de Porto Velho, longínquo Estado de Rondônia. Poucas opções eram oferecidas às crianças na faixa etária da minha filha, na época com três anos. Busquei criar, junto com amigos e familiares, um espaço em que os pais pudessem deixar seus filhos para brincar com outras crianças. Surgiu a ideia de montar uma brinquedoteca particular e a necessidade de uma pessoa formada no curso de Pedagogia para ficar responsável pela parte educativo-pedagógica da mesma.

A ideia da brinquedoteca ficou de lado e investi no curso de Pedagogia. Foi no curso que conheci as obras dos grandes teóricos da educação. O pensamento do educador Paulo Freire me influenciou na vida profissional, sua teoria progressista e revolucionária contrapondo a teoria tradicional de educação bancária, se destacava em minhas leituras. Outro aspecto relevante na minha formação acadêmica foi o despertar para a literatura infantil. A professora da graduação da disciplina de literatura infantil, nos apresentava as possibilidades que os livros trazem em sua várias linguagens – imagem, textura, ilustrações e diversidades temáticas. Ao nos mostrar sua “caixa mágica”¹ com todos aqueles livros nos incentivava a termos a nossa própria, utilizando critérios para a constituição do acervo particular de cada acadêmico. Essa experiência alterou profundamente a percepção do que fosse um bom livro para crianças.

¹ A caixa mágica era composta por livros infantis de boa qualidade, de autores consagrados, que a professora nos apresentava e os utilizava em nossas aulas.

Na metade do curso fui contratada para atuar como coordenadora pedagógica na Escola de Formação Sindical Chico Mendes, instituição orgânica da Central Única dos Trabalhadores – CUT, onde permaneci por dois anos. Coordenei 21 educadores na área rural e ribeirinha, integrantes do projeto de Alfabetização de Educação de Jovens e Adultos, intitulado “Todas as Letras”. Essa experiência me possibilitou aprender e desenvolver uma metodologia inovadora, dialógica, voltada para a realidade dos educandos, baseada no pensamento de Paulo Freire. A localização das turmas: salas de aula na beira do Rio Madeira, na zona rural e na periferia da cidade de Porto Velho, foi sem dúvida o elemento mais significativo dessa formação.

No ano de 2010, mudei para Maringá, cidade do norte do Paraná, onde uma das metas era o ingresso no Mestrado em Educação. Simultaneamente a isso conhecíamos a cidade e tudo que pudesse oferecer lazer e cultura. Ingressei no Clube da Leitura Maringá² e fizemos o primeiro círculo de amizade. Passamos a frequentar a Praça da Catedral aos domingos à tarde, aproveitando o espaço para descanso e leitura. Foi nesse cenário composto de crianças brincando, casais namorando, jovens escutando música ou praticando esportes, que tive a ideia de compartilhar os livros infantis que constituíam meu acervo pessoal, da minha “caixa mágica” para também fazer parte do lazer dos passantes.

Assim, a experiência pessoal, substanciada no sentimento gregário que trago culturalmente, se expande do cuidado com os meus para a comunidade na qual estou inserida, deu forma ao projeto Leituras ao Vento. A flagrante evidência de que as políticas públicas não investiam no incentivo à leitura em espaços abertos, e algumas notícias de que existiam iniciativas nesse sentido, nos despertaram a curiosidade de saber a respeito de dois aspectos principais: que características apresentavam tais iniciativas e que justificativas existem para que o poder público não assuma o incentivo à leitura como oferta aos cidadãos.

As respostas advindas destas indagações iniciais pretendem contribuir para que identifiquemos elementos fundamentais que a política pública a favor da cultura da leitura deva considerar quando venha a implementar-se.

A construção da cultura da leitura está atrelada ao universo do leitor, a um ambiente, a preferências de livros, a leituras rotineiras. Suas inferências a respeito do que

² Clube de Leitura Maringá – organizado e mantido pela biblioteca pública de Maringá, desde 2006. É um grupo aberto e heterogêneo de pessoas que gostam de ler, se reúnem uma vez por mês para trocar ideias sobre livros. Fonte: site clube de leitura Maringá. <https://sites.google.com/site/clubedeleituramaringa/home>.

se lê, nos dizem qual é a sua relação com a leitura e que hábitos de leitura possui. A não leitura também se torna importante nesse diagnóstico.

Diante disso, construímos reflexões quanto à cultura de leitura, entendendo-a como uma prática social, portanto:

Os modos de ler estão intimamente ligados a expressão “práticas de leitura” (ou processos, ou estratégias) que se relacionam a habilidades e competências do leitor [...]. Referem-se, igualmente, as condições socioantropológicas de leitura vivenciadas pelo leitor. Supõem-se, portanto, saber quem lê, o que lê, para que lê, para explicitarem-se melhor as próprias modalidades de leitura, ou seja, como ocorrem num determinado tempo (quando), espaço (onde) e em que condições sociohistóricas e socioculturais. [...] Por isso a expressão prática de leitura pode significar um conjunto de habilidades e competências que se manifestam de diversas maneiras. Também é necessário observar que o ler ou o não ler são, ambos, práticas culturais (PAVIANI, 2006, p.2).

O projeto Leituras ao Vento propicia a construção da cultura da leitura, uma vez que há interação do livro com o leitor, do leitor com outro leitor num ambiente para essa prática. Nesse sentido, a literatura infanto-juvenil, eleita pelo projeto, percorre um caminho em que a criança e o adolescente se tornam categoria central deste estudo, pois se trata do leitor em formação, visto que a criança e o adolescente estão inseridos na cidade e o espaço público pode ser cenário do encontro entre o livro e o leitor, entre leitor e leitor.

A democratização do espaço público também se tornou um elemento importante na discussão desta pesquisa e buscamos amparo teórico no campo da antropologia para conceituar espaço público e privado, além de nos aproximarmos do entendimento dos atores sociais e relações sociais que são desenvolvidas nesses espaços, por meio da leitura. O espaço público neste contexto, com características peculiares, se torna agregador, pois se constitui como da cultura comunitária que une, integra conhecimentos e pessoas.

Especificamente a antropologia urbana, nos auxilia “a compreensão do fenômeno urbano, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas” (MAGNANI, 2003, p.83).

A investigação tem como destino subsidiar políticas públicas governamentais no âmbito da leitura, no sentido de avaliar as já existentes e propor condições de implementação da leitura em espaços públicos.

Os objetivos específicos ficaram delineados da seguinte forma; a) Localizar e descrever diferentes iniciativas de leituras, em espaços públicos em âmbito local, nacional e latino-americano; b) Sistematizar características das iniciativas para a detecção de

aspectos curiosos e/ou coincidentes; c) Refletir sobre as origens de determinadas características encontradas e d) Apontar possíveis aspectos a serem considerados quando da implementação de políticas públicas de leitura em espaços públicos.

Esta pesquisa é bibliográfica e documental. Adotamos como caminhos metodológicos, inicialmente, a revisão de literatura e o mapeamento de iniciativas literárias governamentais e não-governamentais na cidade de Maringá, em outras regiões do Brasil e da América Latina, as mesmas foram selecionadas por apresentarem relevância social em suas localidades e pela expressividade original de ocupar espaços não formais, não institucionais e de se apresentarem da forma mais próxima, lúdica e direta do público alvo. Adotando também atributos como a diversidade, a distribuição espacial e aceitação do público. Outras iniciativas de leitura também significativas poderiam ter sido selecionadas mas excederiam em número o escopo dessa pesquisa.

A pesquisa bibliográfica, conduzida pelas categorias detectadas na descrição das iniciativas, compreendeu a leitura e diálogo com teóricos envolvendo: cultura da leitura, espaço público e privado, direito da criança e do adolescente à cultura, à literatura e aos espaços públicos. O estudo baseou-se em pressupostos qualitativos. De acordo com Triviños (1995) na pesquisa qualitativa há uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações.

Desse modo, a escolha pelo projeto Leituras ao Vento da cidade de Maringá, como principal fonte pesquisada, se deu pela questão geográfica, por se tratar de um projeto de minha autoria e coordenação e por ter um arquivo substancial para análise dos relatórios de atividades, fotos e o caderno de registro de cada encontro. Mas sobretudo, por termos a vivência de seu êxito no que diz respeito a frequência regular de pessoas. No caso específico dos relatórios, foram analisados os primeiros 14, do primeiro ano de criação do Projeto Leituras ao Vento (2011), porque esses narram à maneira pela qual o projeto foi organizado e aplicado.

A coleta de dados foi organizada a partir dos relatórios do Projeto Leituras ao Vento; de observações e do diário de campo de visita das iniciativas literárias locais, das quais a pesquisadora participou ativamente por determinados períodos, e/ou visitou, e/ou presenciou encontros: Clube de Leitura Maringá, Clube de Leitura Bons Casmurros, Clube de leitura Livros Risos, Um Poema em Cada Árvore e Clube do livro da PUC/PR, complementadas com pesquisas em *sites* da *internet*; da leitura e sistematização dos

documentos e registros das iniciativas de outras localidades do país e da América Latina em que apenas utilizamos os sites de buscas da internet.

O levantamento e organização destes foram realizados tendo como princípio o que as mensagens contidas comunicavam, uma vez que, juntamente com a revisão de literatura e a bibliográfica formavam um painel descritivo e analítico do objeto de pesquisa, “verdadeiramente, nossa intenção é usar o método de análise de conteúdo nas mensagens escritas, porque estas são mais estáveis e constituem um material objetivo ao qual podemos voltar todas as vezes que desejarmos” (TRIVIÑOS, 1995, p.160).

A seleção das iniciativas obedeceu três critérios, previamente escolhidos pela pesquisadora: ser uma iniciativa literária; ser realizado em espaço público; e ter mais de um ano de existência.

Das iniciativas espalhadas pelo Brasil elegemos dez do Estado do Paraná, sendo seis da cidade de Maringá, selecionadas pela expressividade social, pelo êxito no desenvolvimento das ações e por arregimentar uma quantidade significativa de participantes, sendo estas: Projeto Leituras ao Vento, Projeto Leituras ao Luar, Clube de Leitura Bons Casmurros, Clube do Livro PUC-Maringá, Clube de Leitura Maringá, Um Poema em Cada Árvore, Clube de Leitura Livros Risos; o Bando da Leitura, da cidade de Ponta Grossa, instituída por uma professora aposentada que já desenvolvia projetos de incentivo à leitura em escolas; Minibibliotecas livres de Araucária, da cidade de Araucária, de apoio governamental e uma da cidade de Curitiba, uma das primeiras bibliotecas livres de Curitiba que é a Minibiblioteca do Sossego, localizada no Park Goom.

Também foram selecionadas iniciativas de leituras do Estado de Rondônia: na cidade de Porto Velho, Leituras no Sítio e Casa de Leitura Arigóca; no estado de Minas Gerais, Belo Horizonte: Santa Leitura: uma biblioteca a Céu Aberto; uma do estado de São Paulo: Esqueça um Livro; e uma no Distrito Federal: na cidade de Brasília, Açogue Cultural T-Bone.

Por fim, quatro iniciativas literárias Latino-Americanas foram selecionadas: Paraderos Paralibros Paraparques - Colômbia; Bebeteca Lee Antonia - México; TendiendoPuentes – Venezuela, e La Red de escritores – Colômbia, que além de contemplar os critérios exigidos da pesquisa, acrescentou-se mais um dado de que todas são de entidades governamentais, isso nos dá a visão de como se articulam essas iniciativas literárias com o apoio governamental em seus respectivos países. Todas com exceção do “Paraderos Paralibros Paraparques” - que tivemos conhecimento por divulgação na mídia

social do facebook, que por sua vez faz parte do Fundalectura - foram selecionadas do Portfólio regional de projetos de leitura “Por Leer”³ de 2014, encontradas no site institucional do Centro Regional para o fomento do livro na América Latina e Caribe - CERLALC⁴, órgão responsável pela divulgação, fomentação e promoção da leitura e do livro nos países membros latino americanos.

Ao pesquisar sobre as iniciativas literárias livres em espaços públicos existentes na cidade de Maringá e em outros lugares, selecionamos questões que foram norteadoras para descrever a origem e seu percurso na história da cidade.

Construímos um painel descritivo e sucinto de cada iniciativa. As pesquisas efetuadas em Maringá e região foram feitas *in loco*, extraindo o máximo possível e com detalhes essas experiências, por meio de contato direto com os participantes e coordenadores nos seus lugares de atuação. No caso das iniciativas literárias desenvolvidas fora da cidade de Maringá, a busca pelas informações se restringiu as páginas da *internet: blogs, fanpage do facebook e sites* e noticiários relacionados à literatura, com exceção da Casa de Leitura Arigóca, onde a pesquisadora esteve presente.

As questões que serviram de base para o mapeamento das iniciativas literárias, estão aqui apresentadas e divididas em quatro blocos:

No primeiro bloco, buscamos conhecer a origem e o tempo de existência com as seguintes questões: data de início, tempo de existência, finalidade. Porque fizeram? Como fizeram? Com apoio de que grupos/instituições?

Já para averiguarmos sobre o perfil dos participantes, o segundo bloco, investigou os seguintes aspectos: quantidade de participantes, características sociais, culturais e faixa-etária.

Para sabermos do funcionamento de como se desenvolve cada iniciativa, investigamos sobre a metodologia aplicada com as seguintes questões: Como funciona? Qual o estilo e/ou gênero dos livros lidos?

Por fim, para sabermos o alcance e as possibilidades de continuidade de cada iniciativa as questões pesquisadas foram essas: a iniciativa tem o objetivo alcançado, impacto no grupo ou na comunidade de origem, tem alcance na mídia, nas redes sociais,

³ Por Leer-2014 – Um portfólio com projetos em execução dos países membros

⁴ O Centro Regional de fomento de Desenvolvimento na América Latina e no Caribe (CERLALC) é uma organização intergovernamental sob os auspícios da UNESCO, que trabalha na criação de condições para o desenvolvimento de sociedades de leitura. Para ele direciona suas ações para a promoção da produção e circulação do livro; a promoção da leitura e da escrita, e incentivo e proteção da criação intelectual. Fonte: cerlalc.org.

outros veículos? Desenvolve-se sem dificuldades? Têm uma política e ações de continuidade e/ou objetivos futuros, explícitos em seus documentos?

Dessa forma, consideramos as questões norteadoras de fundamental importância para a coleta dos dados e entendimento de como surgiu e funciona cada iniciativa literária investigada.

A partir da introdução, o trabalho está desenvolvido em três (3) capítulos e as Considerações Finais.

No primeiro capítulo ativemo-nos à descrição do Projeto “Leituras ao Vento”, sua metodologia e atividades realizadas nos período de 2011 a 2013, juntamente com a descrição de 19 iniciativas literárias do Brasil e da América Latina.

No segundo capítulo apresentamos a discussão teórica, os conceitos de antropologia urbana, assim como conceitos antropológicos de Roberto da Matta (1987,1997) e de José Guilherme Cantor Magnani (2003), ao abordar a leitura como prática cultural, usamos Neires Maria Soldatelli Paviani (2006) e Joana Abranches Portela (2012); Antonio Candido (2000) em relação à função social da leitura, importância e ao direito à literatura; Paulo Freire (1983,) e Michèle Petit (2009) contribuindo na discussão do acesso e espaços de leitura.

A terceira seção abordou as categorias de análise e arremate das características encontradas e analisadas para se desenvolver uma cultura da leitura em espaços públicos, movimento dialético entre a análise dos dados das experiências literárias descritas e a fundamentação teórica que ajudou a entender essa prática (relatórios, caderno de registro, observações) com o intuito de modificá-la na medida de uma práxis (FREIRE, 1983).

Nas considerações finais tentamos deixar um aporte teórico e científico para subsidiar documentos de desdobramentos para criação e fortalecimento de políticas públicas na área da difusão da literatura para crianças, adolescentes e jovens em espaços públicos.

2. MANIFESTAÇÕES DE INICIATIVAS LITERÁRIAS

Neste capítulo são apresentadas iniciativas literárias desenvolvidas pela sociedade civil, Organização Não Governamental (ONG) e pelo poder público, que se instalam e se apropriam dos mais variados espaços públicos: praças, açougues, cafeterias, bosques entre outros. Tem-se notícia de que em vários países da Europa e da América Latina existem movimentos culturais de ocupação dos espaços públicos. Cada vez mais, grupos pequenos e instituições se organizam na empreitada de levar livros e/ou mediadores de leitura para crianças, adolescentes e adultos em seus respectivos espaços de atuação.

Dentre tantas possíveis, por motivos de tempo, escolhemos apresentar as iniciativas constantes no quadro 1: sete (7) iniciativas na cidade de Maringá: Projeto Leituras ao Vento, Projeto Leituras ao Luar, Clube de Leitura Bons Casmurros, Clube do livro PUC-Maringá, Clube de Leitura Maringá, Um Poema em cada árvore e Clube de Leitura Livros e Risos; três (3) no restante do Estado do Paraná: Minibiblioteca do Sossego (Curitiba), Minibiblioteca livres de Araucária (Araucária) e Bando da Leitura (Ponta Grossa); cinco (5) experiências desenvolvidas em outros Estados do Brasil: Esqueça um Livro (São Paulo), Santa Leitura: uma biblioteca a Céu Aberto (Belo Horizonte), Leituras no Sítio e Casa de Leitura Arigóca (Rondônia), Açougue Cultural T-Bone (Distrito Federal); e quatro (4) projetos de incentivo à leitura da América Latina: Paraderos Paralibros ParaParques (Colômbia), Bebeteca Lee Antonia (México), Tendiendo Puentes (Venezuela) e La red de escritores (Colômbia).

Quadro 1: Iniciativas de leitura do Brasil e da América Latina (2015).

INICIATIVAS DE LEITURA			
Maringá	Paraná	Brasil	América Latina
1. Projeto Leituras ao Vento 2. Projeto Leituras ao Luar 3. Clube de Leitura Bons Casmurros 4. Clube do Livro PUC-Maringá 5. Clube de Leitura Maringá 6. Um Poema em cada árvore 7. Clube de leitura Livros Risos	8. Minibiblioteca do Sossego-Curitiba 9. Minibibliotecas livres-Araucária; 10. Bando da Leitura Ponta Grossa	11. Esqueça um livro – São Paulo; 12. Arigóca – PVH/RO 13. Santa leitura: uma biblioteca a céu aberto-BH 14. Leituras no sítio-PVH/RO 15. Açougue Cultural T-Bone-DF	16. Paraderos Paralibros Paraparques 17. Bebeteca Lee Antonia-México 2012 18. Tendiendo Puentes-Venezuela 2012 19. La red de escritores – Colombia 2014

Fonte: Elaborado pelas autoras.

2.1. Projeto Leituras Ao Vento

Figura 1: Projeto leituras ao Vento na Praça da Catedral de Maringá.



Fonte: dados da pesquisa

O projeto Leituras ao Vento de incentivo à leitura à crianças e jovens de todos os segmentos e classes sociais, é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá. Tem por objetivo possibilitar o acesso aos livros infantis e juvenis de boa qualidade literária e gráfica e ser atuante na construção e consolidação de uma cultura da leitura. Os eventos de leitura acontecem sempre ao ar livre num ambiente de absoluta liberdade para consulta dos títulos, leitura no local, troca de experiências entre os leitores e destes com suas famílias e com os coordenadores e colaboradores do Projeto.

Surgiu espontaneamente, com a ida em família à Praça da Catedral de Maringá, para ler, brincar de bola, estender um lençol para relaxar junto ao gramado. Vínhamos comprando livros infantis há dois anos por puro prazer, e também pelo “dever” de, como professores, possuir e conhecer uma literatura que pudéssemos futuramente usar com educandos. Aportamos na praça no dia 11 de março, de 2011, com acervo inicial de cem (100) livros infantis e juvenis, nesse primeiro encontro, teve a participação dos amigos integrantes do Clube de Leitura Maringá, apoio que se tornou constante em várias intervenções (Relatório Leituras ao Vento nº 1, 13 de março de 2011). Desde então, o projeto acontece, quinzenalmente, nas tardes de domingo.

O projeto tem como objetivo principal a construção e consolidação de uma cultura da leitura, dentro de um ambiente dialógico que possibilite o desenvolvimento de uma

identidade relacionada à leitura, que possa levar a leitura a integrar-se ao discurso e à prática cotidianos de crianças, jovens e seus familiares. Pensamos que esta cultura estará consolidada quando os envolvidos passarem a reconhecer nos livros seus parceiros de prazer e conhecimento, e na literatura um caminho para a conscientização e práxis, desenvolvida também no espaço urbano (FREIRE, 1989).

Dessa forma, o projeto se propõe a aproximar crianças e jovens da leitura, desmistificando o livro com a promoção da leitura em comunidade, trazendo o diálogo entre pais e filhos, entre amigos, entre crianças e destas com os adultos, entre desconhecidos, independente de classes sociais e de qualquer outra diferença.

Um dos princípios da metodologia do projeto é a liberdade com o livro - uma forma de aproximação e exploração dos livros que tem como ponto central a liberdade total de leitura - todo sujeito é convidado a explorar à sua maneira os livros dispostos no espaço, não importando a quantidade, a temática e a forma como os utilizam, para posteriormente, explorar pelo toque em sua textura, e mais se aproximar do não lido para então ser lido. É uma das apostas para uma proposta, em que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, de forma democrática, autônoma e emancipatória (FREIRE, 1989).

Diante disso, se tornou preponderante um acervo valoroso em qualidade gráfica e textual. O acervo do Leituras começou, despropositadamente, a partir da recomendação da professora Neusa Tezzari, da Faculdade de Porto Velho, que dizia: “todo pedagogo deve ter bons livros infantis de bons autores com boas ilustrações”. Essa particularidade do acervo nos fez buscar parâmetros que nos ajudassem a fazer uma seleção criteriosa de livros infantis.

Decidiu-se aleatoriamente adquirir os livros agraciados pelo prêmio Jabuti⁵, importante prêmio de reconhecimento anual da produção literária infantil e juvenil do Brasil. Os primeiros livros contraídos nessa fase pré-projeto foram selecionados da categoria infantil. Primeiramente, buscamos no site institucional a lista dos premiados por ano, na categoria infantil. Depois passamos para a busca incansável de localização e compra em sebos, livrarias virtuais e físicas, que aos poucos nos fez conhecer a rede comercial literária da cidade de Maringá. No acervo da fase pré-inicial do Leituras existiu a lista a seguir: Cem noites Tapuias de Ofélia Fontes e Narbal Fontes, de 1976; História meio ao Contrário de Ana Maria Machado, de 1978; A vaca mimosa e a mosca Zenilda de

⁵ **Prêmio Jabuti** - Criado em 1958, o Jabuti é o mais tradicional prêmio do livro no Brasil. O maior diferencial em relação a outros prêmios de literatura é a sua abrangência: o Jabuti não valoriza apenas os escritores, mas destaca a qualidade do trabalho de todas as áreas envolvidas na criação e produção de um livro. Disponível em: <http://premiojabuti.com.br/o-jabuti/> Acesso em: 23/03/2013.

Silvia Orthof, de 1983; Aos trancos e relâmpagos de Vilma Áreas, de 1988; Alguma Coisa de Ricardo Azevedo, de 1989; Poemas para brincar de José Paulo Paes, de 1990; Te dou a lua amanhã de Jorge Miguel Marinho, de 1994; Rimas no país das Maravilhas de Mariana Massarani, de 1997; Um passarinho me contou de José Paulo Paes, de 1997; Dezenove poemas desengonçados de Ricardo Azevedo, de 1999; Chica e João de Nelson Cruz, de 2001; O fazedor de amanhecer de Manoel de Barros, de 2002; Contos de enganar a morte de Ricardo Azevedo, de 2004; Muito Capeta de Ângela Lago, de 2005; Um garoto chamado Rorberto de Gabriel O Pensador, de 2006; Chapeuzinho Adormecida no país das Maravilhas de Flávio de Souza, de 2006; Cacoete de Eva Furnari, de 2006; O menino que vendia palavras de Ignácio de Loyola Brandão de 2008.

Esse aspecto da escolha e seleção dos livros, dos autores e das histórias, é fundamental no processo da implementação do projeto, tanto na questão de aceitação da proposta de levar bons livros quanto à eficácia da mediação de leitura, em que a mensagem do livro deva ser expressiva independente do tema tratado em suas linhas. Um bom livro pode suscitar reflexões, pode elevar o nível de imaginação e devaneio para construir ou ativar um quadro de memórias significativas, que tem a ver com o que a criança e o adolescente trazem como experiência de leitura e vivência (ABRAMOVICH, 1997). Isso se reflete nas preferências por determinados estilos literários e/ou temas.

Por meio do caderno de registro (2011) do Leituras ao Vento, pode-se obter as impressões sobre o projeto e as preferências de leitura dos leitores visitantes, como consta abaixo:

Estão de parabéns pela iniciativa do projeto, somente tomam partido de atos como este, pessoas de espírito e caráter nobres [...] V.R (Praça da Catedral 10/07/11).

Adoramos a iniciativa, o conhecimento, o lazer e a imaginação são conteúdos que caminham unidos. Parabéns! V. B - mãe de S. 5 anos. (Praça da Catedral 10/07/11).

Adorei a ideia de Leitura ao Vento, pois de uma forma estimula as crianças a leitura e a curiosidade. M. C – mãe de S.(8) e M. (3). (Praça da Catedral 14/08/11).

Eu gosto muito de ler Marley e Eu e A Bailarina Belinda A.(9).

Tenho 12 anos e gostei muito deste projeto que incentiva a leitura, aprendizado e muito mais. Parabéns! (Praça da Catedral 27/08/11).

Eu gostei muito dos livros que eu li. I.(12). (Paraná em ação-Sarandi, 28/08/11).

Eu gostei do livro Querido diário otário. T. (9) (Praça da Catedral 11/09/11).

M.(3) e M (1) adoraram o espaço e com certeza voltarão ao projeto. A. (Semana literária do Sesc, 15/09/11).

Eu gostei do livro O patinho feio e Cricitor R. (12) (Semana literária do Sesc, 16/09/11).

Desde o início, além do núcleo principal de coordenadores (Wagner, Adah e eu), o projeto arregimenta colaboradores dos diversos grupos de amigos do qual fazemos parte. Por exemplo, em eventos de grande porte como a Semana Literária do Sesc-Maringá, que se estende por uma semana e em que atendemos diariamente mais de 200 crianças, o ideal é termos 4 colaboradores por turno. Essa demanda é atendida, parcialmente, por voluntariado, com os amigos do Clube de Leitura Maringá, do Projeto Brincadeiras, familiares e os amigos do Clube de Leitura Bons Casmurros.

Temos uma forma própria de executar o Leituras, essa metodologia passa por cinco passos fundamentais:

1 – Organização do ambiente: Ao chegarmos ao local estendemos varais nas árvores, onde dispomos livros, e estendemos lonas e esteiras no chão para possibilitar o manuseio e exploração do acervo.

2 – Abordagem: Seguimos para uma abordagem de acolhimento, o que acreditamos que seja uma particularidade de nossas ações. Fazemos uma breve divulgação nos aproximando das pessoas no entorno da praça, convidando-as a conhecerem o espaço e o projeto.

3 – Apresentação do acervo: Passamos para a fase de apresentação dos livros, oferecendo de acordo com a faixa etária e/ou com os gêneros preferidos pelos possíveis leitores, esta fase nos permite conhecer um pouco sobre o perfil leitor do nosso visitante, e são essas informações que nos auxiliam na seleção dos novos livros para o acervo.

4 – Acompanhamento: Reservamos um espaço dentro da tarde de domingo do Leituras, para a leitura de livro infantil por um convidado, momento este que chamamos de Soprando histórias.

O “Soprando histórias”, essencialmente, apresenta histórias por meio da leitura de um livro por um convidado, com isso esperamos despertar a imaginação, a criatividade ofertando a convivência com a cultura oral. De 2011 a 2013, foram 30 convidados, com formação e profissão diversas: estudantes de 11 e 13 anos, psicólogos, professores de Inglês e Francês (que fizeram a leitura bilíngue), engenheiros, promotor de justiça, juiz de direito, corretora de seguro, regentes, bancário, livreiro, assistente social, controlador de voo, universitários das áreas de Letras e Artes Cênicas, docentes universitários e outros.

5 – coleta de dados para a avaliação do projeto: Utilizamos a fotografia, o relatório e um caderno de presença para registrar documentalmente os eventos de leitura. Da vontade de registrar, em imagens e por escrito, e de compartilhar a experiência, surgiu o

nosso *blog* e a página no *facebook*, a elaboração de relatórios semanais e a publicação de fotos de nossos visitantes.

Com a visibilidade do projeto, muitos convites apareceram para levar os livros para outros lugares. Saímos da praça, sem nunca abandoná-la. Expandimos a estrutura e o acervo de livros (com outros critérios de seleção), desenvolvemos os projetos: “Projeto Clarice⁶ em parceria com a Biblioteca Pública de Maringá (2012, 2013)”, “Leituras ao Vento em Libras (2012)” e o projeto “Muito barulho por Shakespeare” (2014). Aceitamos convites de escolas públicas nas cidades de Doutor Camargo, Nova Esperança e Sarandi, e particulares, de instituições de amparo a crianças e adolescentes, de eventos como: “RPC-TV na Praça”(2012), “UEM na região”(Ivatuba, Goioerê, Ivaiporã - 2011), “Paraná em Ação” (2011), “Semana Literária do SESC” (2011, 2012, 2013, 2014), “Uma noite na biblioteca” (2012, 2013,), Leituras ao Vento na Escola de Samba Asfaltão (2012), Conferência Municipal de Meninos e Meninas – oficina de leitura (2013), Semana de Sensibilização contra o trabalho infantil – oficina de leitura (2013), FLIM – Festa Literária de Maringá (2014).

Sempre a convite, aplicamos oficinas de formação literária com professores da rede municipal, estadual e de Universidades particulares de Maringá e região (Marialva, Mandaguari, Campo Mourão e Porto Velho). Fizemos parte da comissão julgadora do concurso “Prêmio Melhor leitor do Ano” promovido pelo Rotary Maringá e pela biblioteca municipal de Maringá (2013, 2014).

Aproveitando a nossa formação como educador social e a visibilidade que o projeto alcançou, enveredamos a trabalhar com protagonismo infantil e juvenil, divulgando e incentivando lançamentos de livros e exposições de artes plásticas e visuais – Lançamento do livro “O que os olhos não vem” de Heloisa Sacco e Guto Stresser (2011), “Exposição Entranhas” de Guto Stresser (2012), exposição “Arte do Mangá” por Pedro Parreira, Stella Luchetti e os adolescentes do Centro Cultural de Maringá-CAC (2012).

As dificuldades encontradas pelos coordenadores são relacionadas a recursos humanos e financeiros: por se tratar de projeto voluntário, poucas são as pessoas que se disponibilizam a participar assiduamente; por ser itinerante encontramos dificuldades de transporte.

⁶ O Projeto Clarice, de autoria de Patrícia Lino, estudante portuguesa de Literatura, começou em 2008, e tem como principal objetivo divulgar a obra literária de Clarice Lispector. Em 2012, no dia 10 de dezembro, o Projeto Clarice teve um alcance internacional, reuniu mais de 150 participantes em mais de 30 lugares do mundo: Portugal, Brasil e Uruguai. Disponível em <https://www.facebook.com/projeto.clarice> Acesso em: 4/12/2013.

O intento é dar continuidade ao projeto buscando recursos humanos e financeiros para ampliar o acervo e atingir um número cada vez maior de crianças e adolescentes leitores. Queremos através da leitura, levar conhecimento do mundo e de si mesmo ao público leitor, de diferentes classes sociais, desenvolvendo a autoconfiança própria do leitor iniciado nos caminhos do conhecimento da sua própria realidade, da natureza, da imaginação, estreitar a relação entre leitura, conhecimento, identidade e auto-estima, e por fim, formar multiplicadores que, imbuídos do mesmo espírito, possam difundir a cultura da leitura em espaços coletivos mais fechados (escolas, empresas, hospitais, abrigos e outras instituições de cunho social e cultural), mas também abertos.

2.2 Maringá e outras localidades do Brasil

2.2.1 Projeto Leituras ao Luar

Figura 2: Projeto Leituras ao Luar na Praça da Catedral de Maringá.



Fonte: dados da pesquisa

O projeto Leituras ao Luar é um desdobramento do “Leituras ao Vento”, com o objetivo de atingir o público que não havia sido atingido anteriormente: os adolescentes. Essa constatação foi levantada nos relatórios e foi na busca de atingi-los, que foi pensada

essa variação. Seria um ambiente gregário que se encarregasse de deixá-los à vontade e principalmente acolhidos dentro da simbologia da noite e do luar. O gênero literário que se aproximaria desse ambiente tão intimista é a poesia e toda a sua musicalidade e potencial dialógico de expressão de emoções, portanto de exteriorização da interioridade que se aproxima do que os adolescentes têm como características tão singulares.

Os encontros acontecem sempre na primeira noite de lua cheia, independente do dia da semana. E segue um ritual simbólico de declamações e leituras das poesias do autor escolhido do mês. O espaço é organizado para o acolhimento das pessoas e para os livros com direito a velas, lanternas e a luz do luar, com o propósito de resgatar os tradicionais saraus e reuniões dos poetas boêmios da literatura universal.

Além de difundir a cultura da leitura por meio da poesia, salientamos que a ocupação da praça por adolescentes e jovens para esta atividade cultural é fundamental para a resignificação do espaço, que logra ser lugar de trocas interessantes a respeito da sensibilidade poética e da sociabilidade.

Com três edições exitosas de público e aceitação, no ano de 2013, em que foram homenageados os poetas: Pablo Neruda, Vinicius de Moraes e Helena Kolody, a perspectiva é dar continuidade ao projeto no ano de 2015 e buscar recursos para a aquisição de livros de poesias e outros equipamentos.

2.2.2 Clube de Leitura Bons Casmurros

Figura 3: Clube de Leitura Bons Casmurros



Fonte: dados da pesquisa

O clube de leitura Bons Casmurros foi criado no mês de março de 2013 pelo acadêmico de jornalismo do Unicesumar, Victor Simião, com 18 anos na época, inquieto por achar pares para compartilhar as leituras que fazia antes de entrar no curso superior. Acreditou que seria fácil reunir pelo menos os colegas de sala, para fazer um clube de leitura. Porém para seu espanto, poucos se interessaram e o projeto do Clube ficou mais para frente.

Mesmo assim a necessidade de conversar sobre livros literários com os amigos e com os colegas da universidade permanecia. Lançou a proposta nas redes sociais, e conseguiu que cinquenta (50) pessoas manifestassem o interesse em participar, no entanto, vinte (20) pessoas entraram em contato e desses apenas sete (7) foram no primeiro encontro.

Essa foi à primeira tentativa de organização, houve outros arranjos para obter o melhor dia e local para a maioria, foi cogitado utilizar o espaço da Universidade, mas o grupo sentiu que deveria desvincular do clima acadêmico e que a discussão sobre os livros, não teria a conotação didática ou pedagógica prevalecendo o aspecto informal e descontraído.

Atualmente, os encontros tem a frequência de 15 a 19 participantes. O grupo é formado por pessoas de diversas carreiras e idades, em sua maioria jovem, essa é a característica peculiar do clube. Outra peculiaridade, em relação aos livros, é que em sua maioria são de autores contemporâneos, escolhidos por todos os integrantes no final de cada encontro. Unidos pelo interesse em comum pela leitura se reúnem quinzenalmente numa livraria-café. O espaço é sempre aberto para novos leitores, os encontros são gratuitos e para participar basta se informar sobre o livro que será assunto do encontro.

O clube segue uma linha ascendente de conquistas. Constituiu parceria com um café livraria da cidade para que os encontros ocorressem, conseguindo posteriormente que uma editora de renome nacional estabelecesse uma parceria que teve como contrapartida: visibilidade em nível nacional, descontos na compra dos livros e divulgação. A mesma empresa já contabiliza 60 Clubes de Leitura em 16 cidades brasileiras⁷, o que indica um aspecto do termômetro da fase atual do interesse pela literatura, que se traduz na criação de novos clubes de leitura.

7 Pesquisa Clubes de Leitura Penguin/Companhia e seu leitor – Núcleo de incentivo à leitura – Departamento de educação (2014).

O clube de leitura Bons Casmurros, já leu e debateu mais de 25 livros, com autores e gêneros diversos (quadrinhos, crônicas, contos e romances).

Quadro 2: Livros lidos - Clube de leitura Bons Casmurros.

CLUBE DE LEITURA BONS CASMURROS - Livros lidos		
2013	2014	2015
Memórias de minhas putas tristes - Gabriel Garcia Marques Leite derramado-Chico Buarque Ensaio sobre a cegueira -José Saramago) O vampiro de Curitiba -Dalton Trevisan Cinzas do Norte - Milton Hatoum Complexo de Portnoy -Philip Roth O retrato de Dorian Gray -Oscar Wilde A confissão da Leoa -Mia Couto Poema Sujo -Ferreira Gullar	Montanha Russa - Martha Medeiros 1984 - George Orwell O filho eterno - Cristóvão Tezza Contos Novos -Mário de Andrade O Aleph - Jorge Luis Borges As meninas - Lygia Fagundes Telles Lisístrata – A greve do sexo - Aristófanés O mercador de Veneza (William Shakespeare) A metamorfose (Fran Kafka) Auto da Compadecida (Ariano Suassuna) Sargento Getúlio (João Ubaldo Ribeiro) V de Vingança (Alan Moore e David Lloyd) Fahrenheit 451 (Ray Bradbury) Gabriela – Cravo e Canela (Jorge Amado) Papeis Avulsos (Machado de Assis) Viagens de Gulliver (Jonathan Swift) A insustentável leveza do ser (Milan Kundera)	Histórias extraordinárias (Edgar Allan Poe) Lavoura Arcaica, de (Raduan Nassar)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

2.2.3 Clube do Livro PUC/PR – Maringá – PR

Figura 4: Clube do Livro na PUC-PR/Maringá.



Fonte: dados da pesquisa

O projeto foi idealizado pelo acadêmico de Direito, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Vinícius Canto. Foi criado no mês de agosto de 2013. São realizados encontros mensais no espaço cedido pela Universidade, exceto os meses de férias de dezembro-janeiro.

A proposta do clube do livro é conhecer um livro por intermédio de um convidado que discorrerá sobre o autor e a obra, para desta forma suscitar a discussão e a própria curiosidade do leitor em potencial. Segundo o idealizador “o objetivo é fazer com quem mais acadêmicos busquem a leitura como elemento fundamental na formação” (CANTO, 2014, sp – diário de campo). O convidado do mês tem o desafio e o objetivo de convencer as pessoas que estão ali participando do projeto a lerem a obra em questão.

Nos encontros mensais têm participado de 20 a 40 pessoas, em sua maioria, adolescentes e jovens. Qualquer pessoa sendo acadêmica da PUC ou não e de qualquer idade pode participar do Clube do livro.

A intenção é expandir o Clube do livro, realizando atividades diversificadas além dos encontros mensais, como por exemplo, o que foi realizado no mês de agosto de 2014, a visita à Bienal Internacional do livro de São Paulo⁸, oportunizando a interação entre os participantes assíduos e novatos, bem como desenvolver o Workshop de Poesia PUCPR, projeto derivado da iniciativa Clube do Livro PUCPR que será levado para dentro das escolas públicas da cidade de Maringá no ano de 2015⁹.

Quadro 3: Livros apresentados do Clube do Livro

CLUBE DO LIVRO Livros apresentados - 2013/2014	
1ª edição	“A Culpa é das estrelas” - John Green– 30/08/2013.
2ª edição	“Bruxos e Bruxas”- James Patterson - 30/10/2013.
3ª edição	"Inferno"- Dan Brown- 13/11/2013.
4ª edição	Desventuras em série – Mau começo"- Lemony Snicket- 27/03/2014.
5ª edição	“O chamado do cuco"- Robert Gailbraith- 29/04/2014.
6ª edição	“Queda de Gigantes"- Ken Follett- 20/05/2014.
7ª edição	“O pequeno príncipe” – Antoine de Saint-Exupéry – 20/08/2014.
Viagem a 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo	

⁸ A primeira feira do livro foi montada pela Câmara Brasileira do Livro, em 1951, na Praça da República, no esforço de introduzir no país a tradição europeia das feiras de livros encontradas na França, na Alemanha e na Itália. Em 1961 foi promovida, em parceria com o Museu de Arte de São Paulo, a 1ª Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas, que se repetiu em 1963 e 65. Fonte: www.bienaldolivros.com.br.

⁹ Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/ClubeDoLivroPUCPR?fref=ts>. Acesso: 18/11/14.

8ª edição	Maze Runner- Correr ou Morrer"- James Dashner- 25/09/2014.
9ª edição	A Seleção” – Kiera Cass- 24/10/2014.
10ª edição	O Rei de Amarelo” – Robert W. Chambers- 20/11/2014.
Programação 2015	
03 de março	- Stephanie Cisz, acadêmica do curso de direito da PUCPR- Campus Maringá, comentará: "A Vida do livreiro A. J. Fikry" da escritora Gabrielle Zevin.
31 de março	- Mariana Louzano, acadêmica do curso de direito da PUCPR- Campus Maringá, irá comentar a obra "Divergente" da escritora Veronica Roth.
28 de Abril.	- Vinícius do Canto, acadêmico do curso de direito do Campus Maringá da PUCPR, comentará a obra "O Doador de Memórias", do escritor Lois Lowry.
26 de maio	Alexandre Toffoli, convidado e amigo do Clube do Livro da PUCPR, irá comentar a obra "As vantagens de ser invisível" do escritor Stephan Chbosky.
23 de Jun.	- Thaiara Castanho, acadêmica de Direito do Campus Maringá da PUCPR, irá comentar a obra "FEIOS" de Scott Westerfeld.
25 de agos.	- Polyanna Astrath, amiga e convidada do Clube do Livro PUCPR irá comentar a obra "Quem é você Alasca" de John Green.
Setembro	“A Moça Tecelã” – da autora Mariana Colasanti terá comentários de Cláudia Pegini, Coordenadora do NE0 - Núcleo de Empregabilidade e Oportunidade.
14 de Outubro	- Ação Social- “Como treinar o Seu Dragão”- Dia inteiro, edição especial com as crianças da Associação de Amparo à Criança a ao Adolescente de Maringá.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no Portfólio Clube do Livro 2015.

2.2.4 Clube de leitura de Maringá – Maringá – PR

Figura 5: Clube de Leitura Maringá, na Biblioteca Pública Bento Munhoz da Rocha.



Fonte: dados da pesquisa

O Clube de Leitura Maringá, mantido pela biblioteca pública central e com o apoio da Secretaria de Cultura, reúne adultos para discutir a obra e a leitura de livros, compartilhando conhecimentos, sentimentos e impressões de cada participante. É um grupo aberto e heterogêneo que gosta de ler e se reúne uma vez por mês para trocar ideias sobre um livro previamente agendado e vem sendo realizado desde 2006. Há pessoas dos 18 aos 60 e poucos anos, das mais variadas profissões e graus de instrução. Não se trata de discussões complexas, cada participante expressa livremente suas opiniões sobre cada livro lido, a diversidade do público geram opiniões, questionamentos, afetos entre outras emoções que a leitura de um livro proporciona. A relação de amizade construída no clube se estende aos eventos sociais e culturais da cidade. Programas como cinema, teatro, concertos e reuniões lúdicas entre os participantes são relevantes para a manutenção saudável do grupo.

No final de cada encontro é escolhido o livro do mês seguinte, a preferência do clube é pelos clássicos da literatura universal, mas também já foram lidos clássicos da literatura infantil e Histórias em quadrinhos¹⁰.

Quadro 4: Livros lidos do Clube de Leitura Maringá

CLUBE DE LEITURA MARINGÁ
Livros lidos (título/autor)
Grande sertão veredas - Guimarães Rosa
A relíquia - Eça de Queiroz
Negrinha - Monteiro Lobato
O estrangeiro - Albert Camus
O ateneu - Raul Pompéia
Trópico de Câncer - Henry Miller
O risco do bordado - Autran Dourado
O perfume - Patrick Suskind
Perto do coração selvagem - Clarice Lispector
O amor nos tempos do cólera - Gabriel Garcia Marquez
Os irmãos Karamazov - Fiódor Dostoiévski
Sagarana - Guimarães Rosa
O amante - Marguerite Duras
Macunaíma - Mário de Andrade
O sol também se levanta - Ernest Hemingway
As meninas - Lygia Fagundes Telles
O falecido Mattia Pascal - Luigi Pirandello
Menino de engenho - José Lins do Rego
Jane Eyre - Charlotte Bronte
Infância - Graciliano Ramos
Sonhos de uma noite de verão - William Shakespeare
Presidente Negro - Monteiro Lobato

¹⁰ Fonte: Disponível em <https://sites.google.com/site/clubedeleituramaringa/home/sobre-o-clube-de-leitura>. Acesso em: 18/11/2014.

O amante de Lady Chatterley - H. D. Lawrence
 "O velho e o mar" - de Ernest Hemingway
 "Capitães da areia", de Jorge Amado
 "Admirável mundo novo" - de Aldous Huxley
 "Vidas secas" - Graciliano Ramos
 "O coração das trevas" - Joseph Conrad.
 "O caso da Chácara Chão" - Domingos Pellegrini Jr..
 "Pergunte ao Pó" - John Fante.
 "Reinações de Narizinho, Caçadas de Pedrinho e Saci, - Monteiro Lobato.
 "Romanceiro da Inconfidência - Cecília Meireles.
 "On the road-pé na estrada" - Jack Kerouac.
 "Amar, verbo intransitivo" - Mário de Andrade.
 "O retrato de Dorian Gray" - Oscar Wilde.
 "Helena" - Machado de Assis
 "O apanhador no campo de centeio" - J. D. Salinger.
 "O filho eterno" - Cristóvão Tezza
 'A metamorfose' - Franz Kafka
 Seleção de contos : *Dalton Trevisan* (O vampiro de Curitiba, Visita à professora, Debaixo da ponte preta e Incidente na loja);
de Lygia Fagundes Telles (O seminário dos ratos, A mão no ombro, As formigas e Tigrela);
de Clarice Lispector (Uma galinha, Laços de família, Feliz aniversário e Felicidade clandestina).
 "Crime e Castigo" - Dostoiévski
 "Amor de Capitu" - Fernando Sabino.
 "Lolita" - Vladimir Nabokov

Fonte: Elaborado pelas autoras.

2.2.5 Um Poema em cada árvore – Maringá

Figura 6: Um Poema em cada árvore na Praça da Catedral de Maringá.



Fonte: dados da pesquisa

É uma iniciativa de incentivo à leitura, originalmente, realizada desde agosto de 2010 na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, que utiliza as árvores como suporte para a leitura, pendurando poemas de poetas contemporâneos.

Idealizada pelo mineiro poeta Marcelo Rocha e realizada pelo Instituto Psia Associação Cultural¹¹, a iniciativa possui uma característica pioneira e de fácil replicação que se propõe à construção de novos espaços de fruição poética, ampliação do acesso da população à poesia e divulgação do trabalho de poetas contemporâneos para novos públicos.

Por meio de uma Mobilização Nacional realizada em 21 de setembro dos anos de 2012 e 2013 o “Um poema em cada árvore” foi realizado em 114 cidades brasileiras. A Mobilização Nacional constitui uma rede de poetas, educadores, agentes culturais e sociais, instituições e estudantes mobilizados em levar a poesia onde o povo está.

Desde 2012, é realizado em Maringá na Praça Napoleão Moreira da Silva, sob a coordenação do professor e poeta Marcos Hruschka. No ano de 2014, “Um poema em cada árvore” foi organizado pela escritora e poeta Ângela Ramalho que conseguiu a participação de 22 poetas a maioria de Maringá, sendo aceito poemas de outras localidades.

2.2.6 Clube de leitura Livros Risos – Maringá – PR

Figura 7: Clube de Leitura Riso e Livros.



Fonte: dados da pesquisa

¹¹ A palavra Psia é um neologismo que significa “o feminino de psiu”. Essa palavra foi tirada de um poema de Arnaldo Antunes (Diário do Rio Doce, 2014).

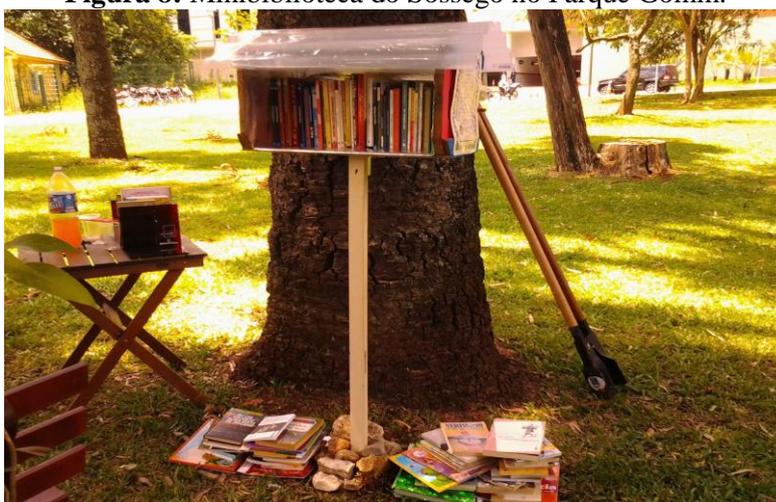
Fonte: Disponível em: <http://www.drd.com.br/news.asp?id=50089100089017072916>. Acesso em: 5/12/14.

O Clube que existe desde 2008, foi inspirado pelo livro “Sociedade literária e a torta de casca de batata” - que trata de uma mulher e sua relação com pessoas de um lugarejo distante e o envolvimento dos mesmos no clube de leitura homônimo do livro. O grupo de mulheres afirma não ter “preconceito literário”, leem de tudo (romance, biográfico, histórico, jornalístico). Entre as obras lidas e discutidas estão: Catedral do Mar de Idelfonso Falcones, Os Pilares da Terra de Ken Follett, Queda de Gigantes de Ken Follet, Comer Rezar e Amar de Elizabeth Gilbert, Ostra Feliz Não Faz Pérolas de Rubem Alves, Tempo entre Costuras de Maria Dueñas, Os catadores de Conchas de Rosamunde Pilcher, Entre a Cruz e a Suástica de Marcos Losekann, O Clube do biscoito de Ann Pearlman, Roberto Carlos em detalhes de Paulo Cesar Araújo.

Eram apenas algumas amigas que isoladamente trocavam livros entre si. Até que uma das amigas apresentou o livro "A sociedade literária da casca de batata" e provocou o restante do grupo para fazer o mesmo na cidade de Maringá. Assim, inspiradas na ideia as amigas resolveram formalizar as trocas. Reúnem-se uma vez por mês em alguma cafeteria. As reuniões do Clube oportunizam encontros para colocar a conversa em dia, o que acaba rendendo muitas risadas, por isso o nome. Além de tornaram-se conhecedoras das cafeterias da cidade, são, com modéstia, críticas literárias e gourmets¹².

2.2.7 Minibiblioteca do Sossego – Curitiba – PR

Figura 8: Minibiblioteca do Sossego no Parque Gomm.



Fonte: dados da pesquisa

¹² Fonte: <https://www.facebook.com/livroserisos?ref=ts&fref=ts> Acesso: 27/02/2014.

Foi instalada no Parque Gomm em Curitiba, PR, no mês de fevereiro de 2014 pelos criadores do blog Bibliotecas do Brasil, Daniele Carneiro e Juliano Rocha com a ajuda e parceria da iniciativa “Salvemos o Bosque da Casa Gomm” que concedeu o espaço e da “Igreja do Livro Transformador” que doou muitos livros do acervo inicial. A Minibiblioteca do Sossego no Parque Gomm é comunitária e colaborativa, pois depende de doações e da circulação dos livros para que continue em pleno funcionamento. Ela está aberta ao público e o empréstimo de livros é livre (sem data de devolução, sem apresentação de documentos, sem burocracia) inspirada nos moldes da Biblioteca Livres.

Quem quiser pode escolher um livro, estender uma canga ou uma manta na grama e se acercar dos livros. Já na primeira semana de funcionamento, os coordenadores perceberam uma grande circulação dos livros nas mãos dos leitores, e também doações colaborativas chegaram para a minibiblioteca.

Os livros do acervo inicial da Minibiblioteca do Sossego têm o carimbo da iniciativa “Leia, Empreste ou Devolva” do blog Bibliotecas do Brasil, que disponibiliza em seu site downloads gratuitos das artes para um cartaz com orientações de empréstimo, um carimbo e um pequeno tutorial de montagem de bibliotecas livres, que podem ser baixados e utilizados por qualquer pessoa¹³.

2.2.8 Minibibliotecas livres de Araucária

Figura 9: Minibiblioteca Livre de Araucária, centro da cidade.



Fonte: dados da pesquisa

¹³ Fonte: Disponível em: <http://www.bibliotecasdobrasil.com/search/label/Minibiblioteca%20do%20Sossego>
Acesso em: 23/02/2014.

A ideia das Minibibliotecas surgiu através da primeira Minibiblioteca de Curitiba montada por Alessandro Martins, editor do blog Livros e Afins, também fundador da Bibliopote. Araucária é um município que integra a região metropolitana de Curitiba.

Elas foram implantadas em alguns pontos da cidade em setembro de 2012 e cada uma delas recebeu 30 livros. A reposição dos livros é feita semanalmente, quando 10 exemplares são acrescentados. O público recebe bem a presença delas e uma prova disso é a conservação das mesmas, que mesmo nos locais mais afastados permanecem intactas. Como houve uma grande procura pelos livros, às vezes acontece de as bibliotecas ficarem vazias. A Divisão de Literatura de Araucária quer que a população adote o projeto que foi feito para que todos pudessem participar ativamente.

O empréstimo nas Minibibliotecas é livre, já que a intenção é a de que os livros circulem, sejam lidos e se tornem parte do cotidiano das pessoas como algo comum e corriqueiro. Além de emprestar livros das minibibliotecas, os leitores também podem doar livros para que o ciclo de leitura continue. Araucária pretende se tornar uma cidade de leitores e investe na transformação através da literatura. As Minibibliotecas estão situadas nos seguintes endereços: Praça Dr. Vicente Machado, Praça João Paulo II, em frente ao Pronto Atendimento Núcleo Integrado de Saúde - NIS III, em frente ao Posto de Saúde Tupy, Praça São Vicente de Paulo¹⁴.

2.2.9 Bando da Leitura – Ponta Grossa

Figura 10: Sala de Leitura, do Bando da Leitura.



Fonte: dados da pesquisa

¹⁴ Fonte: <http://www.bibliotecasdobrasil.com/2013/05/minibibliotecas-livres-de-araucaria.html> Acesso em: 24/02/2014.

Lucélia Clarindo, pedagoga, especialista em arte e literatura em Ponta Grossa-PR, é a idealizadora do Bando da Leitura. Trabalhou como professora para séries iniciais. Aposentada da escola onde realizava projetos de leitura passou a abrir as portas de sua casa, e a sua biblioteca particular para as crianças do bairro, ex-alunos, que frequentavam a sua casa em busca de livros. As atividades iniciaram em 2007 em seu quintal.

Desses encontros iniciais vieram mais e mais crianças para ler. A ideia de formar um grupo de leitura foi logo votada e o nome escolhido: Bando da Leitura. No dia 14 de março de 2007, iniciaram-se as atividades oficiais da biblioteca comunitária.

Por incentivo de alguns amigos, Lucelia participou do Concurso Pontos de Leitura e ganhou material básico para a formação de uma sala de leitura, e o Rotary Alagados que é o principal apoiador e fez a construção do local. Com recursos próprios foi construído um ateliê de arte. Devido ao grande número de livros recebidos, o Bando da Leitura criou o projeto "Leve Livro Grátis", onde os livros são livres, e as crianças podem levá-los para casa sem maiores preocupações com a devolução. A biblioteca passou então a ampliar suas atividades e recebe crianças de instituições para aulas-passeio.

O Bando da Leitura é a única biblioteca voltada para a comunidade do bairro. O que leva as crianças a frequentarem o bando é o convite dos colegas.

No primeiro sábado do mês tem o "Bandinho da Leitura" para crianças pequenas acompanhadas dos responsáveis. Incentivadora das artes, a biblioteca convoca os artistas a oferecerem oficinas de desenhos, dança, música, escultura e pintura de forma voluntária¹⁵.

2.2.10 Esqueça um livro – São Paulo – SP.

Figura 11: Esqueça um livro em São Paulo.



Fonte: dados da pesquisa

¹⁵ Fonte: Disponível em: <http://www.planeja.com.br/bandodaleitura/> Acesso em: 12/11/2014.

Coordenado pelo paulista Felipe Brandão, a iniciativa surgiu da necessidade de se desfazer da quantidade enorme de livros que possuía em casa, praticando o que ele mesmo denomina de “desapego literário”.

Inspirado no conceito de *BookCrossing*¹⁶, combinando leitura e urbanidade, o conceito convida os leitores a deixar um livro em local público, para que outra pessoa o encontre, o leia, e volte a abandoná-lo, ampliando assim o acesso à leitura.

Felipe passou a divulgar as fotos dos livros esquecidos na página do facebook criada para o “Esqueça um livro” e desde então os “esquecedores” se multiplicaram em deixar os livros livres. O projeto sem fins lucrativos tem o objetivo de compartilhar e incentivar à leitura, para além da grande São Paulo, incentivando o desapego literário¹⁷.

2.2.11 Casa de leitura Arigóca – Porto Velho – RO.

Figura 12: Sarau na Casa de Leitura Arigóca.



Fonte: dados da pesquisa

Casa de leitura Arigóca, foi idealizada pelo poeta Elizeu Braga, com o intuito de oferecer espaço para toda a comunidade, como casa de leitura, de memória, de práticas poéticas, micro lugar de fomentação da cultura local. Dedicado à valorização da memória, a casa incentiva e viabiliza projetos que resgatam a memória local. Entre outros projetos,

¹⁶ Prática de deixar livros

¹⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/EsquecaUmLivroOficial?fref=ts> Acesso: 08/08/2014.

está sendo feito, por meio da contação de histórias, o levantamento de dados, para criar um banco de dados de memória, dos moradores do bairro Arigolândia, bairro tradicional que aportaram os primeiros moradores do então território do Guaporé vindos do nordeste brasileiro para trabalhar na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. A casa está sempre aberta a participações e atividades da comunidade artística em geral, sempre viva e receptiva a roda de poesia, roda de memória, exposição, sarau, contação de histórias, performances poéticas, intervenções artísticas e literárias urbanas.

Situada na margem do rio, valoriza a cultura e culinária regional. Todo o ambiente da casa remete a simplicidade do ribeirão que recebe o visitante com quitutes regionais e hospitalidade acolhedora e que a única ostentação se dá por conta da expressiva quantidade de livros espalhados por toda a casa: nas paredes, no chão, em caixas, baús, varais, em cima dos móveis.

Sem fins lucrativos, é mantida por amigos colaboradores que ajudam principalmente na aquisição de livros, ornamentos decorativos e na divulgação das atividades. Também tem como objetivo movimentar os gestores, escritores, mídia, artistas de todas as áreas, educadores e educandos para a discussão de políticas públicas e/ou iniciativas coletivas e individuais não governamentais no que se refere à leitura, memória e cultura¹⁸.

2.2.12 Santa Leitura: uma biblioteca a céu aberto – BH

Figura 13: “Santa Leitura” na Praça Duque de Caxias de Belo Horizonte.



Fonte: dados da pesquisa

¹⁸ Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/arigocadaspalavras?fref=ts> Acesso: 07/10/2014.

Em Junho de 2010, iniciava no bairro Ipiranga o projeto de incentivo à leitura com o nome Cantinho do Livro. Hoje Santa Leitura. No Cantinho do Livro a criança que não gostava de ler trabalhava o artesanato e aprendia a arte de fotografar, só não podia ficar parado.

O Santa Leitura na Praça é um trabalho voluntário, realizado pela artista plástica Estella Cruzmel e conta com a colaboração de várias pessoas. Atualmente se realiza na cidade de Belo Horizonte, na praça Duque de Caxias, bairro Santa Tereza.

A biblioteca conta com centenas de livros da literatura mundial e nacional, com títulos para adultos e crianças. Realizado no primeiro e terceiro domingo do mês, visa difundir os livros, estimular o hábito da leitura em adultos, adolescentes e crianças.

O projeto está dando certo, e a cada edição aumenta o número de leitores, adultos, crianças e jovens, que vão à Praça Duque de Caxias aproveitar para ler debaixo da sombra das árvores¹⁹.

2.2.13 Projeto Leitura no Sítio – Porto Velho – RO

Figura 14: “Leitura no Sítio” – sítio da prof.^a Glória Valadares Granjeiro



Fonte: dados da pesquisa

O projeto nasceu no ano de 2005, na cidade de Porto Velho, Rondônia. Para ambientar um local de leitura para uma equipe de jornalismo local, sobre o Dia do livro, a professora e bibliotecária Glória Valadares convidou as crianças da vizinhança e

¹⁹ Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/LeituraNaPraca> Acesso em: 6/11/2014.

disponibilizou seu acervo pessoal de livros infantis. Ambiente criado com lonas espalhadas e crianças com livros em mãos nascia assim o projeto “Leitura no Sítio”.

Uma equipe de professores universitários, acadêmicos e professores da rede pública recebem as crianças no segundo sábado de cada mês para atividades de leituras “com elas” e “para elas”, de escrita e de confecção de livros. Nos demais sábados fazem o empréstimo e a troca de livros.

Com a expansão do projeto, passou a contar com a parceria do GEAL - Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem, da Universidade Federal de Rondônia que, dentre outros projetos, desenvolve o Projeto Alfabetização de Ribeirinhos na Amazônia. Professores e alunos da Universidade Federal de Rondônia UNIR participam e colaboram com o Leitura no Sítio.

Atividades de formação são desenvolvidas com os voluntários do projeto:

Sessão de leitura - São estabelecidas sessões de leitura dentro do próprio grupo de voluntários, com encontros no sítio para que todos conheçam os livros novos recebidos pela coordenadora, para análise do Prêmio FNLIJ.

Oficinas de leitura para professores - Nestas oficinas, realizadas nas escolas, as professoras doutoras Nair Gurgel e Neuza Tezzari desenvolveram ações visando oferecer subsídios teóricos e práticos para a leitura na sala de aula, de modo a sensibilizar os professores das escolas para a questão tão relevante que é a formação de leitores pela escola.

Doações de livros – Ao longo da história do projeto, a equipe vem estimulando a criação e a ampliação de espaços de leitura, bem como vem fazendo a doação de livros para algumas escolas.

Apoio bibliográfico - Apoio aos acadêmicos que participam do Projeto Leitura no Sítio e que são, também, pesquisadores do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Rondônia, com empréstimo de livros para serem utilizados nas escolas onde trabalham, com alunos e com professores e com o empréstimo de livros teóricos para as sessões de estudo. Profissionais de Educação que desenvolvem projetos de leitura em suas escolas também são atendidos com empréstimo de livros.

O Projeto não recebe incentivo de nenhum órgão, nenhuma entidade, não é patrocinado de nenhuma maneira. Desta forma, as demandas financeiras que garantem, por

exemplo, o lanche matinal das crianças é custeado exclusivamente pela coordenadora do projeto; todos os voluntários pagam seu transporte.

As atividades ao ar livre somente acontecem no período de Abril a Dezembro. Nos outros meses, por causa das chuvas constantes, somente é realizado o empréstimo dos livros, nas manhãs dos sábados. É nesse momento que as crianças ficam bem descontraídas e falam de seus problemas, de suas famílias da escola e dos amigos.

Atualmente, o projeto atende a escolas de outras regiões da cidade. As crianças que frequentam o Sítio contam que não ficam mais de recuperação na escola. Ao final das atividades de leitura, é servido um lanche para as crianças, oferecido pela responsável do projeto (GRANJEIRO, 2009)²⁰.

2.2.14 Açougue Cultural T-Bone – Distrito Federal

Figura 15: Açougue T-Bone



Fonte: dados da pesquisa

Seu Luiz, trabalhou como vigia e engraxate antes de ser contratado, aos 12 anos, para trabalhar no açougue da 312 Norte. Durante o tempo em que morou nos fundos da loja, lia para passar o tempo e acabou apaixonado pelos livros. Em 1994, conseguiu comprar o açougue e instalou uma pequena estante de livros, por meio de doações recebidas, transformou o Açougue Cultural T-Bone no primeiro estabelecimento no mundo a juntar carnes e livros.

²⁰ GRANJEIRO, Glória Valadares. **Leitura no Sítio:** Histórico e relatos de atividades, 2009 (impresso enviado pela autora).

Além das atividades comerciais do açougue, o Açougue Cultural T-Bone tem diversas programações culturais. Entre elas está a "Noite Cultural T-Bone", que está na sua 12ª edição. Por lá já passaram mais de 150 mil pessoas e centenas de artistas.

Outro projeto do estabelecimento é a "Parada Cultural -- Biblioteca Popular 24 horas", que disponibiliza em cada ponto de ônibus de Brasília uma mini-biblioteca, em que as pessoas pegam livros emprestados, leem e os devolvem em qualquer outro ponto da cidade. O índice de perda ou dano dos livros é baixíssimo.

A Biblioteca Popular foi inaugurada no dia 21 de junho de 2007, em homenagem ao aniversário do escritor Machado de Assis. Ao longo dos anos, foram montadas outras estantes em pontos de ônibus da cidade, com livros disponíveis a qualquer cidadão, sem a exigência de documentos ou preenchimento de qualquer cadastro. Doações são feitas todos os dias. Prateleiras e conhecimento são renovados diariamente. É uma iniciativa que estimula a leitura e promove a rotatividade dos livros.

A outra vertente do projeto são as Estações Culturais, compostas de totens multimídia com acesso à internet. O usuário pode, de forma gratuita, acessar desde e-mail e redes sociais até oportunidades de trabalho e serviços públicos disponibilizados online. Hoje são oito Estações Culturais. A nona Estação Cultural será inaugurada ao lado do Açougue T-bone. Este projeto é em parceria com a fundação Banco do Brasil.

O projeto não visa resolver a vida literária da cidade. Busca humanizar um espaço tão depreciado pelo poder público e despertar a noção de cidadania. Já foi copiado em várias cidades e até fora do país. Livros em paradas de ônibus, 24 horas e sem nenhum tipo de controle. A reposição da parada é feita todos os dias pelos funcionários dos Projetos Culturais T-Bone. O projeto sempre busca parceiros para melhorar²¹.

²¹ Fonte: Disponível em: <http://www.t-bone.com.br/index.php/t-bone-cultural/biblioteca-popular/> Acesso em: 22/12/2014.

2.3 AMÉRICA LATINA

2.3.1. Paraderos Paralivros ParaParques - Bogotá – Colômbia.

Figura 16: Crianças no Paraderos Paralivros ParaParque



Fonte: dados da pesquisa

São bibliotecas abertas instaladas em parques que procuram incentivar a leitura, sanar a ausência completa ou parcial de livros em algumas áreas da cidade e oferecer alternativas para o uso adequado do tempo e lazer e uso do espaço público.

Direcionadas a crianças, jovens e adultos que moram nas proximidades dos parques, eles necessitam preencher um formulário de afiliação para o empréstimo dos livros. Desde 1999 foram criadas mais de 100 PPP, em sua maioria na cidade de Bogotá e destas 51 ainda estão funcionando.

As instalações de ferro são no formato de parada de ônibus com a inscrição da letra “P” em uma de suas extremidades, com capacidade para guardar 300 livros, contam com a presença de um mediador de leitura que realiza as atividades de leitura e empréstimo dos livros.

Esse projeto é executado pelo programa avançado do Departamento de Cultura, Recreio e Desporto e do Instituto Distrito das Artes, em parceria com Fundalectura²².

²² Fonte: Disponível em: <http://www.fundalectura.org/?module=proyecto&ms=23>. Acesso em: 19/11/2014

2.3.2 Bebeteca Lee Antonia – México

Figura 17: Mães e filhos na Bebeteca



Fonte: dados da pesquisa

A criação de Bebetecas comunitárias na cidade do México teve como premissa inicial a reflexão a partir da afirmativa: “quanto menor a idade, piores são os indicadores sociais”.

Desta forma, foram criados espaços de leitura para as crianças de 0 a 4 anos, que estivessem contidos três aspectos: livros de qualidade produzidos para esse público tão peculiar, espaço lúdico que abrigasse o encontro dos livros com os leitores e pessoas preparadas para mediação do livro para as crianças.

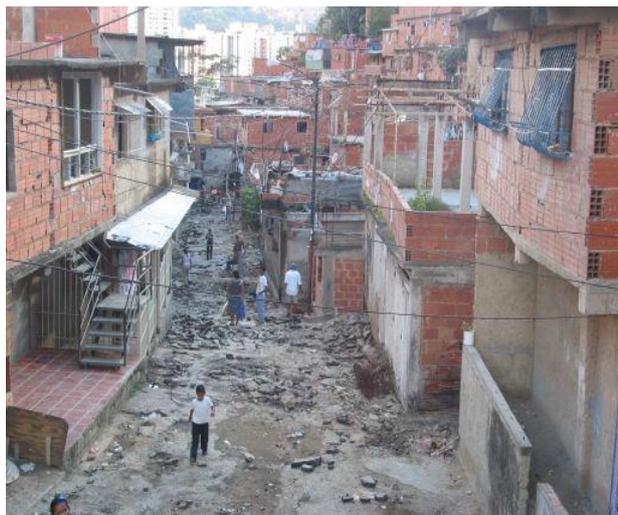
Os encontros tem a duração máxima de 50 minutos que se organizam em 4 momentos: exploração do acervo, leitura em voz alta, leitura individual e uma discussão acerca dos temas desenvolvidos pelo material disponibilizados nas Bebetecas. Sendo assim, promove a interação dos pais e os filhos por meio do livro e aumenta a capacidade leitora de ambos.

Outro aspecto importante é a multiplicação de mediadores. Existe a preocupação de capacitar e acompanhar o trabalho dos mediadores, buscando o ingresso dos mais jovens nesse processo de aprendizagem do universo literário, oferecendo oportunidades em eventos formativos: seminários, congressos, e oficinas.

A primeira Bebeteca – Lee Antonia foi criada no ano de 2008. Atualmente tem 12 pequenas bebetecas instaladas no *sitio de Puebla*, uma no Estado de *Oaxaca* e uma bebeteca itinerante²³.

2.3.3 Tendiendo Puentes con la lectura – Venezuela

Figura 18: Bairro atendido pelo projeto.



Fonte: dados da pesquisa

Figura 19: Contação de histórias.



Fonte: dados da pesquisa

Com o objetivo de contribuir e articular redes de solidariedade e paz em contextos violentos, vulneráveis e de crise, com o auxílio da literatura infantil e juvenil, foi criado, no ano de 1999, o projeto *Tendiendo Puentes con la lectura*, que já fora resultado de outros dois programas de leitura: *Leer para convivir* e *Palabras por y para la no violencia*.

A partir de um diagnóstico da população e contexto dos bairros da cidade, foi escolhido o lugar da intervenção literária, que consiste em um encontro semanal com crianças e adolescentes para aproximar e conversar sobre os livros que tem como temática: identidade, família, comunidade e o outro.

A dinâmica é fazer com que os leitores, a partir das atividades com os livros e diálogos de reflexão, se reconheçam como sujeito e que dessa forma perceba o entorno e “o outro”. Por isso, faz necessário dar atenção especial em relação aos livros, cuidar para que a seleção seja criteriosa e com responsabilidade de acordo com o diagnóstico, e seja feita por profissionais que conheçam literatura para crianças e adolescentes.

²³ Disponível em: http://www.cerlalc.org/porleer2012/files/presentacion_ampliada_bebeteca.pdf Acesso em 24/11/2014.

Outro ponto primordial é a formação dos mediadores de leitura e a criação da atmosfera leitora para que haja a possibilidade de continuidade. A comunidade se apropria do projeto quando conseguem utilizar as estratégias apreendidas e dar seguimento a novas salas de leitura. O projeto para ser colocado em prática, deverá passar pelas etapas do diagnóstico da população: estudo e seleção dos livros para crianças e adolescentes, alianças com associações comunitárias, formação dos mediadores de leitura, ações diretas de promoção de leitura e encontros com os leitores, e por fim avaliar a evolução do projeto²⁴.

2.3.4 La Red de Escritores: *Potenciando El Aprendizaje y La Sensibilidad através de la Escritura* – Colômbia

Figura 20: Adolescentes da Rede de Escritores, na Oitava Feira do Livro da Colômbia.



Fonte: dados da pesquisa

É um programa educativo e cultural, que desde 2002 é desenvolvido pela *Universidad de Antioquia*, com o apoio da prefeitura de *Medellin* através da Secretaria de Educação e Cultura Cidadã. Tem o objetivo de potencializar a aprendizagem, a sensibilidade literária, a capacidade de comunicação oral e escrita das crianças e adolescentes da comunidade periférica da cidade de *Medellin*.

²⁴ Disponível em: http://www.cerlalc.org/porleer2012/files/presentacion_ampliada_puentes.pdf Acesso em 24/11/2014

São oferecidas oficinas de escrita para crianças e adolescentes. Após um diagnóstico levantado a partir da situação dos bairros, a cidade é dividida por cinco gêneros: expositivo, narrativo, narrativo oral, poético e dramaturgia.

Além das oficinas também são oferecidos momentos de conversa com escritores e noites literárias para os estudantes; oficinas de formação para os professores, encontros acadêmicos e culturais para a família²⁵.

²⁵ Disponível em: <http://www.cerlalc.org/porleer2012/esp.html> Acesso em 24/11/2014

2.4. QUADRO SINTÉTICO DAS INICIATIVAS LITERÁRIAS DESCRITAS

Quadro 6: Quadro sintético das iniciativas literárias descritas

CATEGORIAS							
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
LOCAL							
Maringá/PR							
1. Projeto Leituras ao Vento	Os mediadores de leitura fazem a intermediação entre o livro e o sujeito. A formação consiste no conhecimento de literatura infantil, abordagem adequada para recepcionar e assessorar à leitura eficiente para os frequentadores.	Os integrantes do Clube de leitura Maringá, auxiliaram nas etapas iniciais do projeto e depois se uniram a uma rede de colaboradores que inclui amigos, universidade, classe artística, escritores, livreiros e etc.	No projeto, essa relação se dá por meio do espaço lúdico, convidativo à permanência e exploração do espaço. Frequentado por famílias, crianças e adolescentes.	Dar acesso à população a livros infantis de qualidade gráfica e textual. Num ambiente acolhedor e amigável.	Os livros pendurados nos varais, dentro dos baús ou espalhados pelo chão.	A leitura convida ao diálogo. Muitos dos convidados trocam impressões sobre os títulos escolhidos para ler. E a própria leitura do filho para o pai, do amigo para o outro amigo, da mãe para as filhas estabelecem um vínculo permeado pelas referências do momento da leitura.	Movimento Social, apoiado pelo governo (UEM).
2. Projeto Leituras ao Luar	A mediação é realizada pelos coordenadores do projeto.	Jovens e adultos que gostam e fazem poesias são os que visitam o projeto. A presença dos adolescentes é tímida.	Noite enluarada com velas e lanternas chamam a atenção dos passantes da praça. Frequentado por adolescentes,	Aproximar o jovem da leitura por meio da poesia.	Livros de poesia em varais, puffs, almofadas e livros no chão na Praça da Catedral.	A leitura e a declamação das poesias aproximam os participantes.	Não-governamental.

CATEGORIAS							
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
			jovens, adultos.				
3. Clube de Leitura Bons Casmurros	A mediação é feita pelo coordenador do grupo que promove os encontros, instiga e provoca percepções e impressões dos autores e temática.	O que mantém o grupo é o interesse comum nos livros. Aos poucos, todos que frequentam as reuniões se sentem parte do clube e convidam amigos e familiares para visitarem. A rede aumenta à medida que os convites são multiplicados e aceitos. Um ponto de unidade, são encontros extras entre os integrantes, como “cinema em casa”.	Os encontros acontecem no café da livraria do Shopping. Esse espaço está rodeado de livros e todos ficam bem à vontade. Frequentado por jovens e adultos.	Promover encontros para discussão de livros previamente selecionados. O mediador, ao criar o grupo, tinha a intenção de formar uma rede de amigos que falassem de livros sem a preocupação acadêmica e didática.	Cada participante adquire, por seus meios, os livros a serem lidos no mês. Recentemente o clube conseguiu parceria com uma grande editora que conseguiu um desconto para todos os integrantes do grupo, na compra do livro selecionado para os encontros.	Interação entre os participantes, principalmente nos encontros, é ampla, no que diz respeito a questões que surgem nas leituras efetuadas. Há também interação por meio de recursos midiáticos como o facebook e o WhatsApp, onde as conversas são referentes a leituras, dicas de livros e programação cultural e social da cidade e do grupo.	Não-governamental
4. Clube do Livro PUC- Maringá	O coordenador convida um simpatizante, conhecedor do livro escolhido para ser apresentado. O convidado expõe informações sobre o autor, contexto histórico,	Coordenador e simpatizantes auxiliam na Execução e divulgação dos encontros.	Todo o espaço é devidamente decorado e organizado com a temática do livro. Jovem e adultos o frequentam.	Arrebatam leitores, principalmente os acadêmicos, para o livro que for apresentado. Expandindo o repertório cultural dos acadêmicos.	A estrutura e o espaço são fornecidos pela Universidade, bem como a divulgação e publicidade. Apenas o convidado apresentador tem a necessidade de obter o livro	Os participantes que estão desde o início já tem um vínculo anteriormente ao ingressarem na faculdade, na sua maioria são amigos que estudaram juntos no ensino	Não governamental

CATEGORIAS							
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
	curiosidades e impressões para os acadêmicos e visitantes.				anteriormente.	médio.	
5. Clube de Leitura Maringá	Há um coordenador funcionário da biblioteca pública de Maringá para os encontros, e a mediação é feita pelos integrantes.	Os informes do clube são disponibilizados no <i>email</i> institucional. Divulgação no blog do Clube (que está desativado desde 2012).	Espaço institucional na biblioteca municipal, reservado ao Clube no dia do encontro dos adultos leitores (mensal).	Movimentar o acervo da biblioteca para expandir o número de leitores.	Empréstimo dos livros pela biblioteca.	Além dos encontros mensais o clube participa de reuniões lúdicas trimestralmente, organizadas pelos próprios participantes.	Governamental (Prefeitura Municipal de Maringá).
Um poema em cada árvore	Idealizado por Marcelo Rocha, ele articula coordenadores em outros lugares.	Mobilizados pelas redes sociais, os organizadores se articulam com poetas da cidade e região para a mostra dos poemas.	Explora a relação entre texto poético, natureza e os frequentadores de praças e parques. A leitura neste contexto é um convite à introspecção. Frequentado por famílias e público em geral.	Divulgar poesias, tanto para fomentar a produção como sensibilizar a comunidade geral para apreciação da poesia.	Como são afixados poemas em árvores, o material utilizado é barbante e folhas A4 com os poemas.	A interação acontece principalmente entre os poetas da localidade, mas também com os passantes nos locais públicos que são fixados os poemas.	Não governamental
6. Clube de leitura Livros Risos	A mediação é feita pela coordenadora do grupo e também por seus membros.	Grupo de mulheres que se reúnem em Cafés para falarem sobre livros.	A relação é com os livros, as participantes tem a oportunidade de compartilhar, em um ambiente	Compartilhar os livros e conversarem.	A integrante é responsável para obter o(s) livro(s). Os espaços das cafeterias são acolhedores para os	Fortalece o vínculo de amizade que já são estabelecidos, por meio das temáticas e assuntos relacionados aos	Não governamental

CATEGORIAS							
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
			próximo do familiar, momentos diversos de seus diferentes interesses pela leitura, propiciando a todas um painel de obras em circulação.		encontros.	livros.	
LOCAL Estado do Paraná							
7. Minibibliotecas livres de Araucária	A mediação é feita pela forma lúdica das casinhas dos livros e pelos livros livres.	De cunho institucional, a prefeitura elaborou o projeto para criação de minibibliotecas livres que foram espalhadas por locais estratégicos, baseado em experiências de outras cidades.	A comunidade em geral aceitou a ideia e passou a frequentar as “casinhas” para troca e empréstimo dos livros. Com a capacidade para 30 livros, maioria das vezes elas ficam vazias esperando a reposição do mini acervo. Frequentadas por famílias.	Incentivar a leitura, a troca e empréstimo de livros para todas as idades.	A caixa de livros é um ponto de passagem. As pessoas pegam ou deixam seus livros.	A intensa procura dos livros sugere que os moradores auxiliem na divulgação trocando informações entre si.	Governamental

CATEGORIAS							
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
8. Bando da Leitura Ponta Grossa	A mediação é realizada por contadores de histórias e voluntários.	Começou por rodas de leitura de ex-alunos na casa da coordenadora, que depois se tornou Ponto de Leitura.	A relação estabelecida é de completa liberdade. A casa oferece livros infantis, contação de histórias, oficinas artísticas e culturais para crianças e adolescentes.	Incentivar a leitura entre as crianças e adolescentes.	A casa tem uma variedade de estantes com livros infantis, poesias, gibis. Tem espaço para a leitura e brincadeiras.	É importante a sensibilização e participação dos pais nos encontros. Desse modo, se estende aos pais a rede literária.	Não governamental
LOCAL Brasil							
9. Esqueça um livro – São Paulo;	O livro nas mãos das pessoas. O movimento que adeptos fazem ao espalhar livros no espaço urbano.	A rede aumenta à medida que mais adeptos esquecem livros pela cidade de São Paulo.	Os livros são esquecidos em bancos de praças, pontos de ônibus, estação do metrô, escadarias, cafés, bares, lanchonetes e outros lugares que fazem parte do cotidiano da comunidade. Principalmente vivenciado por jovens e adultos.	Espalhar livros e difundir a leitura na cidade.	Livros no espaço público (locais de grande circulação).	Retornam informações de leitores dando conta da circulação do livro na família e entre amigos, e em outros casos há a devolução dos livros nos espaços públicos.	Não governamental

	CATEGORIAS						
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
10. Arigóca – PVH/RO	Coordenador e colaboradores fazem as atividades coletivas.	Artistas locais e moradores se apropriam da casa para fazerem seus eventos culturais.	Os visitantes ficam á vontade para explorar o lugar; podem ser feitos empréstimo de livros ou leitura no local, oficinas literárias, atividades artísticas. Principalmente frequentado por jovens e adultos.	Compartilhar livros e memórias da cultura e do povo de Porto Velho.	Paredes pintadas e com quadros de artistas locais, poemas pintados nas paredes e no chão, cortinas de livros, muitos livros deixados em malas abertas, estantes, mesas improvisadas.	Movimenta as pessoas que gestam, se interessam, praticam as artes em geral que tem o interesse pela literatura e cultura.	Não governamental
11. Santa leitura: uma biblioteca a céu aberto- BH	A mediação é efetuada pela organizadora e pelos colaboradores, que levam os livros para a praça e fazem o acompanhamento.	A idealizadora ressalta o aumento do número de participantes à medida que a iniciativa vai sendo conhecida.	Essa relação se dá no espaço da praça, que permite a leitura á céu aberto nas sombras das árvores. Frequentado por famílias com crianças.	Dar acesso à leitura para a comunidade	Lonas, estantes, livros, painéis dispostos no espaço da praça.	O espaço da praça com os livros facilita os encontros e a consequente interação.	Não governamental
12. Leituras no sítio- PVH/RO	Professoras do ensino superior e acadêmicas; há eventos de formação para os mediadores.	Toda a vizinhança se apropriou do local como biblioteca comunitária (consulta e empréstimo), principalmente as crianças e	Crianças fazem leitura no local, que tem características do meio rural.	Dar acesso à leitura para a comunidade da zona rural.	Lonas, livros, almofadas dispostos no espaço do sítio.	O ambiente rural estimula a interação entre os leitores.	Não governamental

CATEGORIAS							
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
		adolescentes. Adquiriu parceria com o grupo de estudos da UNIR.					
13. Açougue Cultural T- Bone-DF.	A mediação é feita pelo idealizador e colaboradores, que mantem e incentivam diversas atividades culturais que fazem parte dessa iniciativa.	O açougue começou como ponto literário (troca de livros) e se expandiu para diversas outras atividades culturais. Inclui também uma rede de bibliotecas populares.	Além da troca de livros no local. São realizados saraus literários, performances teatrais, shows musicais e outros. Comunidade em geral	Incentivar a troca de livros e estimular atividades culturais.	Estante de livros do lado do freezer de carnes; modificação do espaço à noite (mesas, palcos, etc) para outras atividades culturais; rede de bibliotecas populares em ponto de ônibus.	Estimulada pelo encontro inusitado entre duas atividades dísparas: o comércio de carne e a leitura, e pelo encontro desse espaço e atividades culturais diversas; Participação do público por meio das bibliotecas populares.	Não governamental
LOCAL				América Latina			
16 Paraderos Paralivros ParaParques - Bogotá	Contadores de histórias, mediadores de leitura.	Foram criados mais de 100 PPPs na Colômbia. Formação para mediadores de leituras.	Os visitantes (comunidade em geral) exploram o acervo, participam de rodas de leitura e tem a responsabilidade de preservar o acervo e a estrutura.	Incentivar a leitura, o empréstimo de livros e a sociabilidade das comunidades mais afastadas.	Um armário de ferro em cores vivas com capacidade para 300 livros.	Grupos de amigos e familiares participam das diversas atividades literárias.	Governamental

	CATEGORIAS						
Projetos/ Iniciativas	Mediação	Expansão da rede pela significação	Relações do público com o espaço e os livros	Interesse	Estrutura/materiais/ espaço	Interação entre as pessoas	Governamental/ Não- governamental
17 Bebe teca Lee Antonia – México	Mediadores de leitura e pais.	Desde 2008, foram criadas 12 Bebetecas no México, são oferecidos cursos de formação de mediadores de leitura.	O espaço é organizado (dimensões, cores, texturas) para que pais e filhos bebês se sintam à vontade para se relacionarem tendo como mediação os livros.	Oferecer literatura infantil de qualidade para crianças menores de 4 anos.	Tapetes emborrachados e coloridos, almofadas, baús com livros, livros de diferentes materiais (pano, emborrachado)	Há uma interação dos pais com os bebês nas salas de leitura.	Governamental
18 Tendien do Puentes- Venezuela	Mediadores de leitura e oficinairos, que recebem formação para trabalhar temas importantes para a comunidade relacionados à violência.	O processo de aplicação do projeto conduz a formação de mediadores que farão a multiplicação em outras comunidades.	São oferecidas oficinas aos mediadores e efetuadas ações diretas de leitura com crianças e jovens, para tratamento dos temas em grupo a partir da discussão dos livros.	Promover a formação da identidade, fortalecer vínculos familiares, integração da comunidade e a relação com o outro.	Locais disponibilizados pela comunidade. Livros e materiais necessários para as oficinas.	Relação dialógica a partir da mediação dos temas (identidade, família, comunidade e o Outro) por meio dos livros.	Governamental
19 La red de escritores – Colombia	Professores e oficineiros.	Oficinas gêneros literários e atividades de escrita com produção e divulgação dos resultados por diferentes mídias.	Salas, auditórios, associação dos bairros periféricos são utilizadas para as oficinas com adolescentes e jovens.	Desenvolver habilidade de escrita em diversos gêneros literários. Promover encontros de	Salas de aula, auditórios, materiais necessários a oficinas, ambiente digital e mídia impressa.	A interação se dá por meio da troca de experiências dos gêneros e também na difusão dos resultados por meio das mídias disponíveis.	Governamental

Fonte: Elaborado pela autora.

A descrição das iniciativas e a sistematização das mesmas no quadro traz à luz evidências que poderiam levar nossa investigação para vários caminhos: iniciativas realizadas por pessoas isoladas, que viram a possibilidade de compartilhar o acervo pessoal com outras pessoas, se intensificaram, formando uma rede solidária da literatura com a comunidade; pessoas dispostas a disponibilizar a própria casa para receber pessoas e livros, em que as intervenções literárias e artísticas transcendam os limites físicos da casa e alcancem famílias inteiras para o gosto da leitura e das artes; constata-se também a necessidade de falar sobre livros, de discutir temas e assuntos que os livros trazem que resultam na criação de clubes de leitura para faixa etárias diversas; vale ressaltar, a quantidade insuficiente de iniciativas literárias promovidas pelas instituições governamentais no espaço público, principalmente no que se refere ao Brasil.

Das iniciativas apresentadas no capítulo 2, e das semelhanças e diferenças observadas na descrição de cada iniciativa foram extraídas as categorias que guiaram a elaboração do quadro 6. A sintetização das informações elaborada neste quadro permitiu um refinamento da compreensão do fenômeno estudado, ou seja, uma maior compreensão de cada categoria que forma essa totalidade e das relações entre elas.

No que se refere à categoria “mediação” vimos quão importante é a presença e o trabalho dos mediadores de leitura, dos coordenadores, oficinairos em todas as iniciativas. Os mesmos devem ter uma formação mínima sobre leitura, literatura, clareza em relação aos objetivos que serão alcançados de acordo com informações do contexto socio-econômico, do possível público frequentador do espaço. Essa formação varia segundo alguns fatores: para eventos que tem uma gênese espontânea, ela se inicia na prática, começando com o aprendizado de aquisição e seleção dos livros (no caso do Leituras ao Vento, Clube de Leitura Bons Casmurros e Açogue T-Bone, todas não governamentais), o que implica em parte sua leitura e o conhecimento consequente de gêneros, autores, estilos, etc. A formação também passa pela experiência da organização do espaço e culmina com as estratégias de recepção do público e de intervenção de leitura (assessoria, contação de histórias). Para cada público, se difere a abordagem e o tipo de leitura sugerida e/ou disponibilizada.

Constata-se que na categoria “expansão da rede pela significação” se dá de várias formas: pela adesão da comunidade, visível no aumento gradativo do número de adeptos, o que pode significar o surgimento de outros locais em que a iniciativa passa a acontecer, ou

ainda a expansão do número de colaboradores – o que aumenta as perspectivas futuras de surgimento de novas iniciativas; pela ligação da iniciativa com órgãos públicos e universidades, ligando a programas mais amplos e abrindo caminho para a sistematização das suas práticas (Leituras ao Vento, Bando da Leitura, Leituras no Sítio, todas não governamentais); expansão pela comunicação, com o conhecimento a respeito das iniciativas, divulgação de suas atividades, adesão de novos colaboradores por diversos canais de mídia, com destaque para o meio virtual (Esqueça um Livro, Clube de Leitura Bons Casmurros, Um Poema em cada árvore, todas não governamentais); pela multiplicação de mediadores, feita em programas de formação, o que possibilita a expansão para outras comunidades (Tendiendo Puentes - Governamental).

Na categoria “relação do público com o espaço e os livros”, destacamos, de imediato, a importância da organização estética do espaço, para torná-lo agradável, acolhedor, familiar, ou reservado, introspectivo, amoroso; a relação com a natureza aparece constantemente (Leituras ao Vento, Leituras ao Luar, Santa Leitura na praça, Um Poema em cada árvore, Leituras no Sítio, Paraderos Paralibros Paraparques, Minibibliotecas do Sossego e de Araucária); também aparece o cuidado com o mobiliário, adereços; a possibilidade de ficar à vontade, ou seja, estímulo à ação livre dos leitores, também aparece como item importante, em que se destaca tanto o papel da natureza e do mobiliário e adereços, quanto à ação dos mediadores na correta recepção (abordagem e assessoramento). Essa característica de ação livre dos leitores, acreditamos que seja o diferencial das iniciativas literárias, é o que aproxima ainda mais os leitores dos espaços e conseqüentemente dos livros. Por não ter a obrigatoriedade de ler determinados livros escolhidos previamente por professores ou pais, tem-se a liberdade de escolha e do manuseio.

Ao se tratar da categoria “interesse”, se destaca o interesse de pessoas isoladas ou de grupos em disponibilizar livros de qualidade para a população em geral, ou para um público específico por meio de troca, empréstimo ou leitura no local; a formação de uma comunidade de leitores – aproveitando vínculos de amizade, ocupações e interesses comuns, discussão de temas específicos e promoção de encontros lúdicos. Também há o intento de fomentar a produção e sensibilizar para a apreciação da Poesia para o público juvenil (Leituras ao Luar, Um Poema em cada árvore). Para as iniciativas desenvolvidas na Colômbia, México e Venezuela o objetivo maior é que por meio das atividades de leitura e escrita, diminua o número vertiginoso dos casos de violência em seus territórios. Busca-se

aliar essa ação com outras de cunho social, econômicos e de serviços para a população atendida.

No que diz respeito à categoria “estrutura/materiais/espço”, a primeira distinção é entre espaços abertos e fechados. Essa divisão não é absoluta, e pode variar no tempo e espaço, conforme a proposta da iniciativa, ou do evento que se está promovendo. A expectativa quanto à circulação do público é importante na escolha de um dado espaço, assim tem espaços organizados em parques, pontos de ônibus, açougue, sítio; em espaços fechados pode-se ter um público mais ou menos frequente, previamente relacionado como participante, como os clubes de leitura. O aspecto lúdico e a funcionalidade também aparecem na escolha e disposição dos materiais: lonas, tapetes emborrachados e de pano, esteiras.

Interesse entre as pessoas – destaca-se o fortalecimento de vínculos comunitários a partir de iniciativas que promovem encontros entre leitores, levando a expansão do diálogo através dos livros discutindo temas e trocando experiências. Os clubes e projetos de leitura (Leituras ao Vento, Clube de Leitura Maringá, Clube de Leitura Bons Casmurros, Clube do Livro PUC-PR, Clube de Leitura Risos e Livros) são exemplos de excelência na promoção desses ambientes comunitários dialógicos. A interação parte de grupos especializados (mediadores de leitura, escritores, poetas, professores, universitários, apoiadores de artes) que se integram ao público em geral que participa espontaneamente (frequentadores das praças, integrantes dos clubes de leitura).

Entre as muitas reflexões suscitadas a partir das informações sistematizadas sobre as iniciativas de leitura em espaços públicos, e em meio a tantos aspectos que poderiam ser tratados, elegemos três para buscar os vestígios históricos e encontrar maior significação, quais sejam: a) a ausência de leitura nos espaços públicos, b) trajetos entre o público e o privado e c) o direito à leitura.

O primeiro deles é justamente o que não apareceu nas buscas pelas manifestações de incentivo à cultura da leitura, ou seja, a constatação de que a leitura não é incentivada como deveria pela política pública. Perguntamo-nos por quê e discorremos sobre questões histórico-políticas amplas.

O segundo ponto é o uso incipiente dos espaços públicos abertos para a prática da leitura e também as iniciativas de grupos individuais para atividades que poderiam ser de âmbito governamental, oferecidas ao público em geral. Ainda neste item observamos que no quadro sistematizado o público que frequenta as práticas de leitura é variado, com

diferentes gêneros e idades. Perguntamo-nos sobre origens da entrada da mulher no mundo leitor e discorreremos brevemente esse percurso histórico.

Por último, com a certeza de que a cultura é um direito legalmente conquistado, indagamo-nos, mais especificamente, sobre a leitura enquanto direito do/a brasileiro/a. Estarão os governos descumprindo uma obrigação em relação à leitura?

No que se refere às iniciativas fora do Brasil - duas da Colômbia, uma do México e a outra da Venezuela – foram criadas e mantidas por instituições governamentais. Consta em seus documentos, como justificativa, a intenção de não só desenvolver a familiaridade com a leitura, nem apenas diminuir as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita mais sim aliar a leitura e outras atividades culturais como possibilitadoras de transformação e alento no cenário de violência e miserabilidade em que as comunidades, em especial as crianças e os adolescentes desses países vivenciam com suas famílias.

Portanto, esse é o outro viés possível para as manifestações literárias irem para outros espaços que não sejam somente os escolares, de derrubar com sensibilidade, criatividade e imaginação quadros tão incipientes de vida e de cidadania (PETIT, 2010).

O que se faz oficialmente como promoção da leitura no Brasil é direcionado para a escola e bibliotecas públicas institucionais em que as diretrizes da Política Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)²⁶ referendam e incentivam o desenvolvimento de programas, projetos e ações de fortalecimento das políticas do livro e da leitura no país a partir da primeira década do século XXI.

Porém, sendo essas iniciativas em sua maioria desassociadas do Estado, pode-se também observar que o conceito neoliberal transita por esse processo, pois a ideia do estado mínimo, que requer uma drástica redução de recursos financeiros e humanos desacelera a criação de iniciativas políticas eficientes na ação de diminuição das injustiças sociais e culturais.

²⁶ Política Nacional do Livro e da Leitura – Plano de ação do governo federal brasileiro, 2011.

3. VESTÍGIOS HISTÓRICOS E SIGNIFICADOS DA LEITURA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Nesta seção estão desenvolvidas reflexões com suportes históricos a partir das constatações sobre as iniciativas elencadas e sistematizadas no capítulo anterior. A primeira refere-se à flagrante ausência de leitura nos espaços públicos, para o que buscamos a vinculação originária com o neoliberalismo. A segunda, é a imperiosa diferença que vai se estabelecendo na modernidade entre a concepção do que é público e do que é privado, onde a leitura está contida. O terceiro aspecto, decorrente dos anteriores, encaminhou-nos para a contemplação do tema da leitura nos espaços públicos sob a ótica do direito.

3.1. Ausência de leitura nos espaços públicos no contexto neoliberal

“Um viajante me contou que depois da montanha Azul tem um lindo riacho de águas cristalinas” – disse o menino ao amigo.

“Mas ninguém da nossa cidade pode subir a Montanha. Muito menos passar para o lado de lá” – respondeu o amigo.

“Mas o viajante disse que, depois da Montanha Azul, os pássaros cantam e as árvores dão frutos de todos os tipos”.

“E o que mais disse esse viajante?”

“Que do outro lado da Montanha tem uma cidade pequena e muito linda, com casinhas coloridas e uma casa grande no meio, onde trabalha o prefeito de lá”.

“Então – disse o amigo – vamos contar ao prefeito daqui!”.

Era uma boa ideia.

E os dois meninos foram correndo contar ao prefeito o que o tal viajante tinha dito.

“Um viajante disse que depois da Montanha Azul tem um lindo riacho de águas cristalinas e pássaros que cantam e árvores com frutos de todos os tipos!” – falaram animados para o prefeito.

“Mas ninguém da nossa cidade pode subir a Montanha. Muito menos passar para o lado de lá.

Vocês não sabem disso? – estranhou o prefeito.

Só que os meninos insistiram: “Mas o viajante disse que do outro lado da Montanha tem uma cidade pequena e muito linda, com casinhas coloridas e uma casa grande no meio, onde trabalha o prefeito de lá”.

O prefeito coçou o queixo intrigado com a notícia e resolveu que seria melhor contar aquilo para toda a cidade.

Convocou uma reunião na praça, às cinco da tarde. (E como o prefeito era a maior autoridade da cidade, ninguém deixou de comparecer).

CIDADÃOS – começou o prefeito – “Um viajante que passou por aqui contou que, depois da Montanha Azul, tem um lindo riacho de águas cristalinas, pássaros que cantam e árvores com frutos de todos os tipos”.

Por alguns segundos, todos na praça ficaram em silêncio. De repente, começou todo mundo a falar ao mesmo tempo. Mas no meio do falatório alguém de repente se lembrou do prefeito e, aos poucos, todos foram ficando quietos.

Então, o prefeito continuou: “O viajante disse que daquele lado existe uma cidade pequena e muito linda, com casinhas coloridas ao redor de uma casa grande, onde trabalha o prefeito de lá. Sei que é uma surpresa para todos mas, se depois da Montanha Azul tem um lugar assim tão lindo como disse o viajante, acho que devemos... podíamos... pensar em, talvez... subir a Montanha!”

Outro silêncio (só que dessa vez mais curto). E de novo o falatório (só que dessa vez maior).

Enquanto todo mundo discutia e decidia o que fazer, o prefeito olhava para a Montanha Azul imaginando como seria a tal cidade com a casa grande no meio onde trabalhava o prefeito de lá que, aliás, deveria ser mesmo um bom prefeito. Em poucos minutos a decisão foi tomada: subiriam a Montanha para ver, com os próprios olhos, aquele lugar maravilhoso!

No dia seguinte, bem cedinho, todos os habitantes da cidade partiram na excursão (mas todos os habitantes de uma cidade pequena como a deles não eram lá tantos habitantes assim).

Ninguém sabia o que poderia haver pelo caminho e, por isso, permanecia o tempo todo sempre juntos e muito atentos. Passaram por um bosque imenso, que parecia não acabar mais e era muito perigoso porque, das árvores, poderiam cair aquelas frutas estranhas e acertar a cabeça de alguém, e os passarinhos não avisavam a hora em que decidiam fazer cocô lá do alto.

Tiveram ainda de cruzar um riacho gelado, com pedras escorregadias no fundo, que deixou todo mundo com a barra da roupa molhada e muito frio nas canelas. Depois de muita caminhada (e de todos aqueles obstáculos atrapalhando o percurso), finalmente chegaram ao pé da Montanha.

Estavam cansados.

Mas mesmo assim, ninguém nem pensou em parar para repousar um pouco. Ainda precisavam andar muito para ver o lado de lá. Tomaram fôlego e continuaram. (É...era bom eles tomarem fôlego mesmo porque só a vista de um lugar perfeito como aquele deveria ser de tirar o fôlego de qualquer cidadão. E depois de subir tudo aquilo, então!...Fôlego era uma coisa que certamente não ia sobrar.)

E CHEGARAM AO TOPO

Correram todos para olhar o riacho de águas cristalinas, as árvores cheias de frutos, os pássaros cantando e as casinhas coloridas ao redor da casa maior, onde trabalhavam o prefeito de lá.

Mas o que eles viram do outro lado da Montanha Azul foi uma terra seca e meio avermelhada.

Aliás, olhando bem, a Montanha Azul nem azul era.

Só agora eles estavam reparando. A Montanha Azul era cor de montanha. Com terra, capim, pedra e árvore como uma montanha qualquer. Estranho, porque de longe parecia mesmo azul.

Todo mundo olhou de cara feia para o prefeito, que olhou de cara feia para os dois meninos, e um dos meninos olhou de cara feia para o outro

menino, que olhou em volta sem entender nada e, por sorte, avistou lá na frente o viajante.

“Olha!” – apontou o menino.

“Lá vai o viajante que disse que depois da Montanha Azul tinha tudo aquilo que a gente veio procurar!”

“Ei, viajante!” – chamou o prefeito.

“Foi você que disse que depois da Montanha Azul, que nem azul é de verdade, tinha um riacho de águas cristalinas, pássaros que cantavam, árvores cheias de frutos e casinhas coloridas em volta de uma casa maior, onde trabalha o prefeito?”

“Sim, fui eu” – disse o viajante. “Mas desse lado não tem nada disso” – mostrou o Prefeito.

O viajante olhou intrigado para onde o Prefeito apontava.

“É verdade... Mas... esse era o lado da Montanha de onde eu estava vindo” – explicou o viajante, só que ninguém entendeu nada.

Então, calmamente, o viajante apontou para o lugar de onde eles acabavam de vir.

“Olhem para trás!... Depois da Montanha Azul é o lado de lá!”

Todos se viraram meio assustados com o que o viajante acabava de dizer. E, lá do alto, viram um riacho de águas cristalinas, árvores cheias de frutos, pássaros que não paravam de cantar e uma cidade pequena e muito linda, cheia de casinhas coloridas, com uma casa maior no meio que era onde trabalhava o prefeito.

Só que o prefeito e todos os demais habitantes daquela pequena cidade estavam fora.

Tinham saído à procura de um lugar perfeito depois de uma montanha que, de longe, parecia azul.

Ainda bem que eles encontraram.

(GRIBEL, 2001).

A história infantil de Gribel (2001) nos aponta possibilidades de uma cidade, talvez a nossa, de que não a conhecemos na sua totalidade, que não sabemos suas necessidades e potencialidades, que desconhecemos os espaços e pessoas que fazem e querem um pouco mais da cidade que lhes é apresentada todos os dias. A realidade conhecida, por ora, é desvelada pelos problemas tão visíveis e urgentes, vistos sob o ponto de vista operacional (problemas no trânsito, segurança, saneamento). Mas no que diz respeito a uma comunidade leitora, o que é realizado? O que se espera que gestores locais conheçam e realizem no âmbito das políticas públicas para a promoção e incentivo da leitura em locais não escolares?

É necessário então uma análise atual da sociedade, especificamente, é necessário analisarmos sob o ponto de vista da contra-hegemonia, a situação da cultura da leitura, sua construção e sua relação com o neoliberalismo.

Entender o processo de como a cidade se configura, o ponto de vista de quem atua numa cidade é essencial para a compreensão de que a sociedade fragmentada, alicerçada

em tempos flexíveis, vínculos com curta duração e que nos causam estranheza e insegurança, são os novos tempos líquidos (BAUMAN, 2007).

Essa insegurança é proporcionada pelo medo do progresso, de temores existenciais, golpes do destino, medo do outro ser melhor que nós mesmos e dessa forma tomar o nosso lugar, na empresa e em nossas relações afetivas e sociais, medo de que não estamos no controle, de que ficamos impotentes a cada mudança em nosso cotidiano.

Desse modo, “os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo” (BAUMAN, 2007, p.15) direcionando-a para a existência de uma globalização negativa, visto que, “os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas, por isso mesmo, terrivelmente precários, e é tão difícil praticar a solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes” (BAUMAN, 2007, p. 30). O que se tem é a construção de um individualismo contemporâneo, que possibilita o enfraquecimento dos vínculos humanos e o conseqüente definhamento da solidariedade.

Quando isso acontece, é fácil perceber a fragilidade e a precariedade de como se constroem os vínculos, os medos que limitam a aproximação do outro se confundem com a competitividade tão valorizada nas grandes organizações em rede. Isso permite ondas de preconceito e de movimentos excludentes. No entanto, vários são os movimentos sociais em expansão, desde a década de 70: a sociedade é constituída por grupos de diferentes classes econômicas, sociais, gêneros, religiosas, políticas e culturais que nem sempre seguem a lógica hegemônica.

Uma análise possível é observar o sistema neoliberal como um agente ideológico. Isso porque, se antes, no período fordista e taylorista, o controle do tempo se dava na fábrica, repercutindo na vida íntima de cada trabalhador, atualmente, ele se dá na flexibilidade dos tempos e espaços não mais formais e burocráticos, mas numa nova roupagem em que aquilo que parece liberdade é uma sensação falsa que controla e limita tanto quanto ou talvez mais que antes.

Perry Anderson tece uma análise contundente sobre os efeitos do neoliberalismo no mundo capitalista avançado, em que diz:

[...] que este é um movimento ideológico, em escala verdadeiramente mundial, como o capitalismo jamais havia produzido no passado. Trata-se de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional. (ANDERSON, 1995, p.22)

E numa análise mais geral, pontua que o neoliberalismo teve seus altos e baixos em países mais ricos, por não ter conseguido a revitalização básica do capitalismo avançado, porém no âmbito social, alcançou seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais. E segue sua análise:

Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonharam, disseminando a simples ideia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, tem de adaptar-se a suas normas. Provavelmente nenhuma sabedoria convencional conseguiu um predomínio tão abrangente desde o início do século como o neoliberal hoje. Este fenômeno chama-se hegemonia, ainda que naturalmente, milhões de pessoas não acreditem em suas receitas e resistam a seus regimes. A tarefa de seus opositores é a de oferecer outras receitas e preparar outros regimes. (ANDERSON, 1995, p. 23).

Pode-se entender que o fator tempo dedicado para a cultura da leitura, não seja importante, não tenha valor na lógica neoliberal. Nessa lógica do “tempo é dinheiro” não se dedica tempo às atividades culturais e educacionais que têm como objetivos a transformação e a emancipação humana, e não o lucro ou acumulação de riquezas.

Sendo assim, a valorização, promoção e construção da cultura da leitura, da maneira que pensamos, insere o fator tempo e espaço como pontos determinantes e centrais das políticas públicas para leitura, quando e onde acreditamos que a mudança de paradigma seja incontestável.

O empreendimento neoliberal vai na contramão da cultura da leitura, por que ela significa ruptura, resistência à hegemonia que pretende criar indivíduos adestrados para o mundo do consumo imediato. A cultura da leitura por sua vez, resgata a condição humana e política, socializadora do individuo enquanto sujeito e o retira da condição de produto neste contexto.

Para Paulo Freire (1983), a importância do ato de ler não se resume à leitura “de sem números de capítulos de livros”, “nem nos momentos de “lições de leitura”, no sentido tradicional dessa expressão”, e nem “memorizar mecanicamente a descrição do objeto”, mas sim “aprender a sua significação profunda” em que o mundo que está a sua volta é determinante no seu entendimento de leitura do mundo. Ele acredita que um novo homem, consciente e crítico do mundo que o cerca, confiará que “a leitura do mundo precede

sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, p.13, 1983).

Dessa forma, a relação do neoliberalismo com a cultura da leitura é conflitante, porque o interesse de uma, configura o avesso da outra: interesses díspares.

Talvez não tenhamos uma resposta, mas ao entendermos o processo de fragmentação e de fluidez da sociedade pós-moderna em que nos encontramos, e acreditarmos que o movimento literário nas ruas é possível e real, pleitearemos uma cultura da leitura emergente desse novo formato de vida produtiva, cultural e social, que sirva de base para políticas públicas consistentes e valorativas do livro e do leitor.

Sabemos que todos os elementos constituintes do que chamamos de modernidade líquida, que vieram das mudanças avassaladoras do mundo do trabalho, afetam significativamente os princípios e atitudes individuais, que podemos chamar de caráter (BAUMAN, 2007, SENNET, 2009).

Assim, se a sociedade capitalista tenta definir e ajustar com precisão quais são os conhecimentos, saberes, informações, habilidades e competências do novo homem, inclusive a escola como instituição formadora tem servido para atender a demanda de um mundo que faz parte da modernidade líquida.

A cultura da leitura neste contexto de controle dos tempos e espaços constitui iniciativas de formação de leitores vinculados a políticas públicas e iniciativas da sociedade civil. Essa dinâmica crescente é percebida historicamente por meio da transformação do homem, enquanto peça fundamental de engrenagem de cada sistema econômico, político e social, e que ao se perceber como parte mínima, contraditoriamente, se fortalece em suas tentativas de resistência.

3.2 Elementos de evolução histórica do capitalismo liberal à sua fase neoliberal

A sociedade burguesa tem seu alicerce na nova fase do modo de produção capitalista que se inicia e se desenvolve nos séculos XVIII e XIX em que a manufatura dá oportunidade a uma nova forma de organização, a partir da divisão do trabalho. (MARX, 2003).

Essa divisão do trabalho é o novo regime que sustenta por algum tempo as oficinas, passando pelas primeiras fábricas e chegando à moderna indústria, na sua forma mais

organizada e sistematizada. A divisão do trabalho, além de subdividir a tarefa e aumentar a produtividade, cria o trabalho como mercadoria (MARX, 2003).

A escola nesse processo vem para homogeneizar e difundir o pensamento e a ideologia dos que estão no poder, que detém boa parte das riquezas e dos meios de produção e deste modo possuem também o controle sobre as fontes do conhecimento e sua difusão, baseados nos princípios iluministas e positivistas que dão vazão a um novo pensamento científico. A educação escolar, também se vê influenciada pela divisão do trabalho, a estrutura da escola se assemelha e se organiza sob a estrutura da fábrica: com a especialização dos saberes, separado em disciplinas escolares, com os supervisores, com o controle do tempo.

Nesse aspecto pensar a produtividade e a otimização do tempo do trabalhador se torna um elemento importante para o avanço das indústrias e do próprio capitalismo. Os princípios da administração científica formulada por Taylor que tem como objetivo principal “assegurar o máximo de prosperidade ao patrão...” (TAYLOR, 1995, p. 6); revoluciona os espaços da fábrica e a relação dos dirigentes com o trabalhador – para isso “os gerentes assumem novos encargos e responsabilidades” (TAYLOR, 1995, p.19) a partir da observação minuciosa desse cotidiano da fábrica. O perfil desse gerente exige a ação de planejar e fiscalizar o melhor aproveitamento do trabalhador para maior produtividade. (TAYLOR, 1995).

Diante disso, surge então uma nova demanda de trabalhadores qualificados para entender máquinas e a sua parte do processo fragmentado. Não se exige, portanto reflexão do trabalhador, e sim adestramento a um novo modo de organização do trabalho. Têm-se agora dois elementos dentro desse processo: o gerente que pensa e planeja, e o trabalhador que executa, há uma “separação do trabalho mental do trabalho manual...” (BRAVERMAN, 1974, p. 112).

Com o aumento significativo da produção e do consumo, houve a necessidade de repensar os processos produtivos. Dessa forma, Ford (1964) com base no princípio de que “nenhum operário deve ter mais que um passo a dar; nenhum operário deve ter que se abaixar”, que significava perda de tempo, baixa produção e conseqüentemente perda de dinheiro, elabora um sistema alicerçado nos seus três princípios de montagem:

- 1º. Trabalhadores e ferramentas devem ser dispostos na ordem natural da operação de modo que cada componente tenha a menor distância possível a percorrer da primeira à última fase.
- 2º. Empregar planos inclinados ou

aparelhos concebidos de modo que o operário sempre ponha no mesmo lugar a peça que terminou de trabalhar, indo ela ter à mão do operário imediato por força do seu próprio peso sempre que isto fôr possível. 3.º Usar uma rêde de deslizadeiras por meio das quais as peças a montar se distribuam a distâncias convenientes. (FORD, 1964, p. 65).

A esses princípios é agregada a incorporação da ciência e tecnologias nos processos produtivos que faz parte, no momento, de uma tecnologia de base rígida relativamente estável, que possibilitou um aumento cada vez mais significativo na produção em massa, imbuídos pela visão de Ford, que representava também maior “consumo de massa” (HARVEY, 2003, p. 121).

É dentro desse paradigma Taylorista/Fordista que a industrialização e o próprio capitalismo se desenvolveram. Com a criação da linha de montagem substanciada nas novas tecnologias os processos produtivos necessitavam cada vez mais de trabalhadores qualificados e especializados. No entanto, há uma contradição, não tendo mão de obra qualificada, há um aumento considerável do desemprego estrutural. Esse fenômeno é citado como decorrência da automação (TERUYA, 2006).

É nesse contexto, que a modernidade se apresenta como mutável, efêmera e fragmentária, ao tentar construir e desconstruir elementos contrapondo aos antigos padrões, satisfazendo a exigência de que o novo surgisse das estruturas rompidas, por acreditar na “imagem da destruição criativa²⁷” [...] como poderia um novo mundo ser criado sem se destruir boa parte do que viera antes? (HARVEY, 2003, p. 26),

As mudanças ocorridas inicialmente no âmbito da arte e da cultura com o movimento do modernismo expandiam-se para todas as áreas da sociedade capitalista, contestando “a existência de uma única resposta possível a qualquer pergunta [...] em que o mundo poderia ser controlado e organizado de modo racional” (HARVEY, 2003, p. 35).

Paralelo a isso, a condição econômica já não é favorável à permanência do mesmo sistema rígido e de alta produção, instaura uma crise do capitalismo agravada pela Grande Depressão dos anos 30, juntamente com a resistência do fordismo e taylorismo pela Europa. A alternativa é a intervenção estatal, conhecida como o estado de Bem Estar, com medidas de regulamentação, políticas fiscais e monetárias.

Como explicita HARVEY:

²⁷ Termo utilizado por Harvey, para explicar o contexto da modernidade no início do século XX, contrapondo ao “eterno e imutável” e a “fixidez categórica do pensamento iluminista” (HARVEY, 2003).

O Estado [...], assumia uma variedade de obrigações. Na medida em que a produção de massa, que envolvia pesados investimentos em capital fixo, requeria condições de demanda relativamente estáveis para ser lucrativa, o Estado se esforçava por controlar ciclos econômicos com uma combinação apropriada de políticas fiscais e monetárias no período pós-guerra. Essas políticas eram dirigidas para as áreas de investimento público – em setores como o transporte, os equipamentos públicos etc. – vitais para o crescimento da produção e do consumo de massa e que também garantiam um emprego relativamente pleno. (HARVEY, 2003, p. 129).

Há um aumento na produção em massa e a busca por novos territórios; é garantida a internacionalização de produtos padronizados satisfazendo a nova sociedade emergente pós-guerra: idealizadora de um novo padrão cultural em que o consumo de bens duráveis lhe garante status das classes abastadas em busca do “sonho americano”.

Para Harvey (2003), é o processo de crescimento do fordismo dentro de uma base relativamente estável com sua crescente modernização - diante da recém-criada sociedade de consumo ávida por transformação cultural, social e urbana - que projeta numa nova forma de vida, num novo homem e nova sociedade, conformando expectativas e gerando um novo olhar acerca das relações sociais, culturais, políticas e econômicas.

A estabilidade econômica pós-guerra perdurou até a década de 70, devido à intervenção do Estado e outras políticas que também asseguravam o “[...] controle na maioria das economias avançadas: sindicatos fortes, garantias do estado assistencialista e empresas em grande escala combinaram-se e produziram uma era de relativa estabilidade” (SENNETT, 2009, p. 23).

Essa expansão que se dá pela internacionalização dos produtos, alimenta a nova sociedade de consumo: produtos homogêneos expostos exacerbadamente nos meios de publicidade criam uma necessidade pseudoideológica da nova geração, no caso dos Estados Unidos, a nova classe média suburbana que almejava morar em áreas residenciais “mantendo a casa e o jardim em ordem, vivendo sem incidentes.” (SENNETT, 2009, p. 15).

Foi nesse cenário que os movimentos da contracultura tomaram força influenciando diretamente a dinâmica da vida social, como uma forma de contestar a uniformização dos grupos e das expressões culturais da elite dominante. Vários são os movimentos insurreccionados como: o movimento estudantil, o movimento das mulheres e os movimentos ecológicos (MORIN, 1975).

Nesse aspecto, a crise da cultura é ao mesmo tempo a crise da sociedade, a cultura é vista como produto da classe burguesa, esvaziada de sentidos, se discute deste modo o caráter homogeneizante da cultura de massa.

Contudo, um novo mundo surge a partir da década de 70. O sistema até então vigente, que tinha como características: o controle do tempo por supervisores, por produção, conquista cumulativa, narrativa linear, corporações fortes e piramidais e “uma estrutura burocrática que racionalizava o uso do tempo”, (SENNETT, 2009) entra em crise e perde espaço para o desenvolvimento do novo processo de modernização do trabalho, que exige uma sociedade e uma economia diferente com capacidade para correr riscos e se redimensionar em curtos espaços de tempo.

A necessidade é expandir os mercados, pois o mundo capitalista avançado embrenhava-se numa longa e profunda recessão, com baixas taxas de crescimento e altas taxas de inflação. Diante desse quadro, muitos governos entre eles Margaret Thatcher na Inglaterra (1979) e Ronald Reagan nos EUA (1980), posteriormente na América Latina, estabeleceram medidas²⁸ para conter a crise: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, redução dos impostos em favor dos ricos, corte dos gastos sociais e programas de privatizações.

Dessa forma, cada governo e suas economias alcançaram resultados significativos na contenção da crise, estimulando a expansão global da mundialização do capital, mas em contrapartida, impulsionou grandes disparidades na esfera social, econômica e política. Esse processo chamado neoliberalismo que é um “fenômeno distinto do simples liberalismo clássico”, “[...] foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem estar” (ANDERSON, 1995, p.9). Portanto, um movimento excludente.

As novas tecnologias advindas da nova era do conhecimento e da informação impulsionam processos desencadeadores de organizações com arranjos de gerência e de planejamento mais flexíveis e em largo alcance mundial. São organizações em redes globais sem fronteiras que não tem hierarquia verticalizada definida. Sempre em busca de “nichos de mercado”, também capta “pequenas firmas e indivíduos empregados com contratos de curto prazo” (SENNETT, 2009, p. 22).

²⁸ ANDERSON, Perry. **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

As organizações formam um sistema em rede. A dinâmica de trabalho, tempo e comunicação satisfazem a velocidade e as incertezas do mercado e da sociedade. Trata-se, nesse novo paradigma organizacional, administrativo e operacional de uma sociedade cada vez mais cosmopolita.

A globalização da economia e a reestruturação produtiva, em busca de competitividade, são responsáveis pelo novo padrão de acumulação capitalista, que imprime vertiginosa dinamicidade às mudanças que ocorrem no processo produtivo, e também nas relações sociais e relações de trabalho. Os processos de trabalho anteriores, de base mais rígida, vão sendo substituídos pelos de base mais flexível.

Dentro desse contexto, é importante entender que essa flexibilidade está associada a virtudes empresariais e a princípios de economia política, e contraditoriamente a ideia de Stuart Mill (apud SENNET, 2009) que acreditava que o “comportamento flexível gera liberdade”, hoje “a repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle [...]” (SENNETT, 2009, p. 54).

Podemos depreender que a questão do tempo e espaço dentro do comportamento flexível é determinante para a construção do novo homem e trabalhador.

Agora as instituições não têm apenas um lugar físico e fixo, uma empresa pode estar em muitos lugares, por ser tratar de ilhas constituintes de uma rede, pede-se atenção a constantes mudanças locais que possam interferir em toda sua rede, e vice-versa.

A capacidade de entender e responder às intemperanças do mercado com velocidade imediata, para que se façam mudanças se necessário, é fundamental na lógica desse sistema fragmentado, a isso chamamos de “especialização flexível de produção” (SENNETT, 2009).

A organização do tempo no local de trabalho, dentro dessa configuração expõe uma diversidade de horário também flexível, conhecido por “flexitempo”, “um mosaico de pessoas trabalhando em horários diferentes, mais individualizados” (SENNET, 2009, p. 66) – horários de trabalho comprimidos, semana integral, trabalhar em casa (serviços, vendas, técnicas) – Essa configuração dá uma sensação de liberdade, mas é ilusória sendo mais uma forma de controle.

O processo da passagem da fase “sólida” da modernidade para a fase “líquida” (BAUMAN, 2007), se caracteriza também como uma capacidade de lidar com o novo, com o diferente, sendo prerrogativa desses novos tempos de incerteza. As organizações sociais

já não podem mais manter sua forma por muito tempo, são fluidas, assim é o mundo capitalista nos dias de hoje.

A empreitada de uma nova ordem literária subverte a lógica neoliberal. As iniciativas que se realizam em espaços públicos, que valorizam a imaginação, fantasia e a cultura, como a literatura, são movimentos de resistência ao sistema neoliberal que tem como principal categoria o controle da ordem social. O que se tem com a leitura é transitar livremente no pensamento. Uma população que pensa, imagina e cria possibilidades, nos dias de hoje, são parcelas invisíveis de um movimento contra hegemônico. Apesar do crescente número de projetos de leitura e sua expansão da cultura literária de crianças, adolescentes e adultos, sua visibilidade é controversa ou mínima, pouco se sabe e pouco se vê dessas iniciativas.

Contudo, confiamos no poder emancipatório e de resistência dessas iniciativas literárias. Tão importante quanto os livros nas instituições escolares com suas atividades didático-pedagógica, é a presença, manuseio e a apropriação dos livros como parte integral do cotidiano do indivíduo, inseridos nos mais diversos espaços públicos. O livro que é oferecido no açougue, na praça, nos pontos de ônibus, como parte do alimento cultural diário de cada sujeito, se torna uma ferramenta influente no meio familiar que pode ressignificar o modelo sacralizado do livro construído historicamente e que ao estabelecer uma relação de intimidade cotidiana, faz do livro um instrumento indispensável e próximo do leitor em potencial.

3.3 Faces do público

Muitas são as iniciativas literárias desenvolvidas em diferentes espaços, com finalidades e metodologias díspares, para públicos igualmente diversos. Todavia as selecionadas para essa pesquisa, obedecem a um critério primordial: serem desenvolvidas em espaços públicos.

Por isso, há uma atenção peculiar para a conceituação do espaço público e privado, as relações sociais desenvolvidas nesses espaços de uma sociedade cosmopolita, capitalista e neoliberal. E para conceituarmos o público e o privado, e entender dos novos arranjos sociais, buscamos no campo da antropologia urbana e social, o aporte teórico necessário para esse entendimento. Utilizaremos os estudos de dois pesquisadores que são referências no âmbito acadêmico: Roberto DaMatta e José Guilherme Magnani.

Roberto DaMatta ao falar do público e privado, destaca a dinâmica social complexa da nossa realidade, analisada em seus estudos em duas categorias “que constituíam uma oposição básica na gramática social brasileira[...], frente a um par estrutural que é constituído e constituinte na própria dinâmica de sua relação: a casa e a rua” (DAMATTA, p. 16, 1997).

Dessa forma, define esses espaços sociais tão demarcados e legítimos: a casa é o lugar da mulher, enquanto lugar de reserva, do cotidiano, da família, é um espaço avesso à mudança, ao individualismo e o progresso – privado; a rua tem um código próprio, leis que são pontos centrais e dominantes, é o espaço do progresso individual e do homem – público (DAMATTA, 1997).

Esta conceituação de casa e rua se diferencia em Daniel, que propõe um sentido para o espaço privado e público do ponto de vista do seu uso específico, que aponta para uma tensão no interior do próprio espaço público:

Entende-se a propriedade particular como sendo o espaço privado e o espaço público como sendo do coletivo. Entretanto, no mesmo espaço público, aberto ou fechado, dependendo do uso específico do mesmo, da atividade social de intercâmbio humano ou mesmo da atividade particular que nele se desenvolve a relação entre o espaço da vida pública e o espaço da vida privada estabelece o desenvolvimento de novas sociabilidades (DANIEL, 2013, p.37).

Ao se observar a cidade de Maringá, e o que ela oferece, encontramos as contradições do novo mundo. O velho e novo junto, em suas arquiteturas quase complementares. A efervescência cultural transbordando nos seus centros e na sua periferia; o tradicional e o folclórico lado a lado, do moderno e inovador, do que surge no agora. Vemos os espaços cada vez mais contraditórios, ou são completamente tomados por grupos ou são cerceados em seus muros, tornando os seus limites físicos ou até mesmo os seus limites culturais e sociais quase intransponíveis.

A cidade ao se verticalizar e se privatizar, toma espaços de sociabilidade. Privilegia o individualismo e a segregação social, e tem como consequência direta a ruptura ou deterioração das relações sociais, produzindo para além das gerações grupos confinados ou isolados em ambientes ou redes sociais privados. Mesmo assim, há uma corrente que tenta romper com o ciclo da privatização da vida coletiva (MAGNANI, 2002). A existência de grupos organizados em prol da defesa de animais, da defesa da criança e do adolescente e

ainda mais atual da preservação do espaço natural e urbano que crescem vertiginosamente nas cidades, apontam para ações de pessoas que buscam a vida coletiva em solidariedade.

Cada vez mais, grupos com características e objetivos comuns se organizam, e a ordem da vez é ocupar os espaços de direito, assim como acontece com os “sem terras”, “sem tetos”, movimento *Occupy*. Com suas finalidades e naturezas diferentes seja no âmbito econômico ou social, esforçam-se para preencher a necessidade de permanecerem, de encontrar uma base para desenvolver com qualidade seus empreendimentos e sonhos.

Nessa perspectiva, decorre ao mesmo tempo um movimento de ocupação do espaço público na vertente cultural e educacional. Haja vista iniciativas atraentes na construção da cultura da leitura que vai à direção contrária da privatização do espaço público. Grupos dispostos a se apropriar do que a cidade tem para oferecer no que se refere a equipamentos e espaços públicos, para que se manifestem ações que marcadamente modificam a geografia local e cultural da cidade.

À luz dos estudos da Antropologia Urbana, especificamente do antropólogo José Magnani, que pesquisa sobre a cultura urbana, seus atores sociais, seus espaços de atuação e suas relações com e na cidade, iremos observar que grupo social é esse dos leitores espalhados nos espaços urbanos e sua dinâmica de atuação.

Magnani, em seus estudos, percebe regularidades nos grupos sociais urbanos que são exatamente padrões de comportamento exercidos por esses grupos. Essas regularidades, com características geográficas e culturais específicas, são agrupadas em unidades de análise ou categorias: trajeto, mancha, circuito, pedaço (Magnani, 2002). Define-se assim:

[...] Trajeto aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas [...] Mancha [é] delineada pelos equipamentos que se complementam ou competem entre si no oferecimento de determinado bem ou serviço [...] é reconhecida e frequentada por um círculo mais amplo de usuários. [...] Circuito designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos. [...] Pedaço, espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares [...] a noção de pedaço evoca laços de pertencimento e estabelecimentos de fronteiras [...] (MAGNANI, 2002, p. 23-24).

São categorias perceptíveis, circunscritas na relação espacial e social das cidades, onde se explica a ocorrência de movimentos simbólicos de um grupo e como eles se organizam e se percebem mutuamente. Deste modo, entendemos as categorias como

unidades não estanques, mas que se coadunam – se inter-relacionam, formam uma gramática como nos diz Magnani – que tenta identificar o desenvolvimento das sociabilidades de grupos homogêneos e a relação espacial onde se desenvolvem.

Por meio de grupos que tem como objetivo ampliar, discutir e incentivar o acesso ao livro e à literatura tanto infantil, juvenil quanto adulta, essa investigação buscou identificar características próprias e comuns existentes nas iniciativas de leituras nos espaços públicos, para que contribua na compreensão do fenômeno de ocupação desses espaços.

Em se tratando de leitura, podemos identificar um sujeito com características bastante peculiares – o leitor. Seu nível de literacia e conhecimento em relação a obras literárias, autores, editoras e tudo que se relaciona com o acesso e o mercado do livro é maior do que outro sujeito que identificamos para contrapor o leitor: o não leitor. Também é explorador e frequentador de locais na cidade que tem o livro como principal produto ou instrumento, no caso as livrarias, bibliotecas públicas e privadas, sebos, festivais de literatura, saraus literários, lançamentos de livros, clubes de leitura entre outros.

O grupo dos leitores, que se agrupam por interesses em comum, já mencionados acima, contém dois elementos básicos que remontam a análise do olhar da antropologia urbana e que se encaixa na categoria de análise denominada “pedaço” (MAGNANI, 2002), que são: um de caráter espacial - configura um território claramente demarcado; e o outro de caráter social - configura uma rede de relações que se estende sobre esse território (MAGNANI, 2002). Configuração essa que é determinante na visibilidade e reconhecimento dos grupos.

Podemos ainda afirmar sobre a categoria pedaço que está inserido o “leitor”, um terceiro domínio que conduz à dualidade damattiana da rua *versus* casa, nominado pelo termo “colegas” que se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos e indicam um “tipo particular de sociabilidade e apropriação do espaço urbano” (MAGNANI, 2002, p. 21).

Ao participar dos encontros dos clubes de leitura e do projeto Leitura ao Vento, nos cafés e na Praça da Catedral, respectivamente, é notório o reconhecimento dos outros membros que fazem parte e conjugam dos mesmos interesses e que procuram manter a rede social, se confraternizando, se encontrando e trocando informações, comportam-se como “colegas” conjugando do “pedaço” reservado as suas práticas leitoras e relações afins.

Acreditamos que esses encontros, vistos de uma forma ritualística e simbólica manifestem o reconhecimento do grupo, enquanto agente catalizador de impressões e sentimentos acerca do fortalecimento da cultura da leitura nesses espaços públicos.

Vivemos um momento no país, que se reflete de maneira um tanto evidente em Maringá, em que se multiplicam as iniciativas de leitura em espaço público, respondendo tanto a uma percepção geral quanto a pesquisas estabelecidas²⁹, que nos falam da necessidade de aumentar o acesso ao livro e à leitura, colocando-a ao mesmo tempo de forma prazerosa no dia-a-dia das pessoas. Essa percepção geral não faz apenas gerar essas iniciativas, mas produz um efeito positivo na construção das relações interpessoais, criando formas de fazer que se traduzem em eventos que potencializam a ação individual. Se constituem, como nos diz Da Matta, em verdadeiros momentos extraordinários, que, ao buscarem uma consolidação no interior da cultura, se fazem focos de transformação social.

[...] é importante constatar como o momento extraordinário nos transforma em seres exemplarmente coletivos: ou somos dupla ou somos torcida, partido, público, multidão. São essas possibilidades de transformação que criam focos diferenciados, fazendo com que se possa viver como algo novo, excitante ou rotineiros as diversas situações sociais. São elas também que inventam as modificações sociais que chamamos de “rituais” ou “extraordinárias”, e se constituem, às vezes, nos pólos privilegiados de mudanças sociais duradouras e historicamente importantes. Normalmente tais transformações são reversíveis e portanto controladas por gramáticas culturais rígidas [...] Mas, quando há um evento em que não temos mais esse controle, então podemos dizer que estamos diante do novo ou da nova situação que pode desencadear um processo histórico inovador[...]. É porque vivemos de fato *entre* e na *passagem* de um grupo social para outro que podemos sentir o tempo como algo concreto e a transformação do espaço como elemento socialmente importante. (DAMATTA, 1997, p.41).

De fato, a cidade que queremos deve ser feita para as pessoas, para o encontro, para o aproveitamento dos espaços e equipamentos públicos, de forma a considerar as individualidades e diversidades culturais expostas pelas sociabilidades urbanas. Magnani (2000) apud Daniel (2013, p. 36) pontua que “o espaço urbano funciona como sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares; um espaço simbólico trabalhando pela história, um espaço de sujeitos e de significantes”. Esse espaço, portanto abarca singularidades de significados de sociabilidade:

²⁹ (Retratos da Leitura, 2012), em que diz que

Um sistema eficiente de espaços públicos de uma cidade deve ter entre suas atribuições o propósito de evitar que a natureza seja destruída. Ele também opera sobre as relações sociais e interpessoais, acolhendo o encontro, as possibilidades de trocas e convívio social e a negociação entre os sujeitos que invariavelmente marcam os espaços com suas presenças, seus valores, suas ordens e desordens. Ou seja, ele possui uma dimensão social, cultural e educativa importante agregada ao seu papel estrutural de abrigar ou viabilizar muitas atividades necessárias à sociedade [...] preservando o patrimônio natural e possibilitando o reencontro das pessoas com a natureza (2013, p. 40).

No que se refere à cidade de Maringá, “uma cidade autônoma [...] de dimensão limitada por extensa faixa agrícola que a circundava [...] caracterizada por altas taxas de áreas verdes” (DANIEL, 2013, p. 25), privilegia-se a preservação do espaço natural. Sua paisagem urbana é a configuração, adaptada às particularidades e potencialidades que o cenário natural lhe oferecia, da linha férrea e de dois pequenos vales para a sua construção, foi projetada pelo engenheiro Jorge de Macedo Vieira³⁰, influenciado pela proposta urbana de Ebenezer Howard que instituiu o modelo de cidade-jardim.

Essa vocação para a natureza foi mantida, em que pese a pressão da especulação imobiliária e a multiplicação dos arranha-céus, com suas ruas e avenidas tomadas pelos carros ao longo das décadas. A resposta do público, mesmo diante das dificuldades da urbanização e do abandono pelo poder público, foi positiva, no sentido da integração a esses espaços.

Isto posto, é possível afirmar que a natureza, numa cidade como Maringá, é extremamente integrada com a vida cotidiana, com seus bosques, parques naturais e praças que servem como pano de fundo ideal para que as iniciativas de leitura se desenvolvam e alcancem êxito.

Diante disso consideramos imprescindível um lugar livre e sugestivo à criatividade e à interação, num ambiente estimulante para a leitura, como nos espaços citados nessa pesquisa: projeto “Leituras ao Vento”, “Leituras ao Luar”, “Minibiblioteca livres de Araucária e do Sossego”, “Bando da Leitura”, “Santa Leitura: uma biblioteca a céu aberto”, “Paraderos Paralibros Paraparques”. São locais abertos, que tem a natureza como aliada, que impulsiona a liberdade e serve de trajeto para uma corpulenta quantidade de passantes onde por vezes se instalam grupos heterogêneos. Essas iniciativas, que acontecem em ambientes abertos e livres inspiram outro tipo de liberdade: a liberdade de

³⁰ Engenheiro civil (1894-1978) trabalhou na Cia. City – *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company* – empresa inglesa ligada a empreendimentos imobiliários.

leitura. Sem restrição quanto à escolha e manuseio do livro, os frequentadores são estimulados a desenvolver características do “ser leitor”. Essa liberdade de leitura é uma característica dos grupos envolvidos nas iniciativas de leitura e sua origem tem relação com a construção da sociabilidade.

Nos remetemos ao significado do espaço das praças, das ruas, dos bairros, sobretudo na infância, que formam lembranças de experiências marcantes para toda a vida, que contribuem para dar forma ao caráter, sensibilidade, às atitudes positivas e negativas. Contudo, tão importantes quanto o espaço e seus limites, são as relações construídas e substanciadas de memórias afetivas que derivam dessa junção entre o espaço e as pessoas.

Por aproximação, no que diz respeito à relevância afetiva e cultural construídas em espaços da cidade e seus grupos, mesma linha que Magnani observa, detivemos a explorar a pesquisa de Florestan Fernandes sobre grupos de crianças em seus territórios de brincadeiras de seu tempo: a rua.

Fernandes (1944) realizou um estudo interessante sobre a cultura infantil nas ruas de São Paulo na década de 30 e 40. A pesquisa “As trocinhas³¹ do Bom Retiro” apresenta as peculiaridades da convivência infantil nas ruas do bairro, entremeadas pelos espaços das brincadeiras, dos jogos, das cantigas de roda e das amizades.

Foram estabelecidas regras de convivência bem claras e consensuais. Os membros, que faziam parte da mesma vizinhança, eram agrupados por faixa etária. A divisão comum e estereotipada entre grupos de meninos e grupos de meninas ocorreram à medida que se tornavam pré-adolescentes, com sanção para os transgressores. Quem tentasse migrar para o outro grupo era repellido pelos demais e expulso do grupo.

Várias são as relações de poder que se estabelecem nos grupos por meio das brincadeiras, essas relações suscitam hierarquias e lideranças, que no decorrer do tempo, configuraram-se em papéis importantes para a manutenção do grupo. A interação das crianças ampliou a cumplicidade conquistada no espaço da rua, e principalmente as meninas, acabavam levando para dentro de suas casas, a brincadeira e as parceiras do grupo, fazendo com que a amizade construída na rua, na vizinhança, extrapolasse os limites do tempo e espaço. Da mesma forma que as regras foram construídas pelo próprio

³¹FERNANDES, Florestan. **As trocinhas do Bom Retiro**: contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos grupos infantis. Trabalho escrito em 1944, para o concurso “Temas brasileiros”, tendo merecido, por decisão do professor Roger Bastide, o prêmio relativo à seção de Ciências Sociais. Termo designado para nomear grupos infantis formados na rua, de famílias de classe média da mesma vizinhança.

grupo; a personalidade e a moral foram delineadas pelas brincadeiras, pelas amizades e pelos conflitos vividos por cada membro.

A observação relevante é a ausência do adulto. Não tem o adulto para ditar as regras, nem para resolver os conflitos, nem para dirimir qualquer questão referente à conduta das brincadeiras e dos relacionamentos. São essas questões e direcionamentos que o indivíduo lida na infância, em que elos afetivos são construídos pelos locais do bairro e pelas pessoas por toda a vida.

Recorrendo à experiência fílmica, assim como a experiência literária que é construída com elementos ficcionais, mas frequentemente se reporta ao real, “A guerra dos botões”³² e “Os meninos da rua Paulo”³³, são obras que tratam da cultura da infância no trâmite da rua para a casa e da casa para a rua. Ilustram que esse é o espaço construído pela criança pois são elementos constituintes a partir da visão delas. São espaços da construção da cultura da infância justamente por serem autônomas.

Certamente, as trocinhas paulistanas são espelhos de muitos grupos infantis que em um tempo remoto era comum o compartilhamento de atividades e amizades na vizinhança na área urbana. A apropriação do espaço urbano pelas crianças favorece a sociabilidade, autonomia e interação.

Nos dias de hoje, essa convivência na rua já não é tão exercida, pois temos uma rotina infantil, em se tratando de famílias com melhor poder aquisitivo, exacerbada de compromissos em locais confinados como: a escola, clubes, academias e outros.

A questão da violência é iminente a todas as crianças, mas predomina nas classes mais pobres que com frequência se tornaram alvo, e diretamente são envolvidas como participantes, ou como testemunhas. A convivência direta em conflitos urbanos gera um clima de insegurança, que favorece o aliciamento para o crime e desencadeia um quadro alarmante de consequências como “[...] baixo desempenho acadêmico e taxas mais altas de evasão escolar, ansiedade, depressão, agressividade e problemas de autocontrole” e também “[...] podem minar a fé das crianças em adultos e na ordem social” (Relatório situação mundial da infância, 2012, p. 42).

Algumas semelhanças entre a construção da sociabilidade que se observa na cultura infantil exemplificada nas Trocinhas e a cultura da leitura são evidentes: a liberdade e

³² Guerra dos botões - Estreado na França em Abril de 1962, o filme foi aplaudido por todo o país, batendo todos os recordes de bilheteria. Um filme de Yves Robert inspirado no romance homônimo de Louis Pergaud, "Uma sátira formidável à guerra dos adultos".

³³ Os meninos da Rua Paulo - é uma co-produção húngaro-americana de 1969, dirigida por Zoltán Fábri e baseada no livro *A Pál utcai fiúk* (1906) do escritor húngaro Ferenc Molnár.

autonomia são desenvolvidas pelos vínculos firmados entre os pares e o espaço; são exercidas regras bem claras e consensuais; há um desenvolvimento da interação e da solidariedade entre os membros do grupo que são afinados pelos interesses afins e que fortalece os vínculos de amizade; todas essas experiências com as brincadeiras, e as experiências com as leituras aplicadas nas ruas, em espaços públicos num ambiente livre são levados para fora do grupo, é um aprendizado para vida.

No livro “A arte de ler: ou como resistir à adversidade”, de Michèle Petit, a autora traz uma pujante pesquisa, realizada em países da América Latina, de como a literatura nos lugares mais improváveis como lugares de conflitos armados, de violência extrema, ditaduras, migrações obrigatórias tem um papel fundamental na reconstrução de um novo indivíduo, na ressignificação das pessoas e do lugar, de como é importante sair da dura realidade, sem se afastar por completo do contexto real, e trilhar por caminhos mais simples, mais cheios de vida e esperanças com outros tipos de conflitos onde a imaginação e o devaneio são basilares para a composição de uma nova história pessoal:

Para os cidadãos vivendo em condições normais de desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre; para aqueles que foram privados de seus direitos fundamentais, ou de condições mínimas de vida, um livro é talvez a única porta que pode permitir-lhes cruzar a fronteira e saltar para o outro lado. (PETIT, 2009, p. 75).

Essa é a incrível capacidade do livro e da literatura: capacidade de transportar o leitor por meio dos pensamentos e da imaginação a outros lugares, tempos, sensações que dão novos significados, novos desejos, e novos anseios pela vida. Sendo assim “ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair” (PETIT, 2009, p. 92).

Dessa forma, ao criar projetos voltados para o fortalecimento da cultura da leitura em espaço urbano, devemos ficar atentos à abordagem utilizada com as crianças e em que contexto ela está inserida. Um bairro que tenha uma disponibilidade de serviços institucionais e uma rede de assistência social, cultural e educacional satisfatório à comunidade, é diferente daquele que por questões políticas não se serve dos mesmos serviços, sendo restrita a mobilidade e o conhecimento de uma rede satisfatória. Por questões culturais a receptividade a atividades deste porte deverá ser distinta nos bairros. O impacto nas vidas das crianças e dos adolescentes também será distinto, devido à singularidade histórica, social e afetiva de cada um.

Na Argentina, foi criado o “Centro de Leitura para Todos” e sua dinâmica de atuação tem como elementos constantes: formação de jovens como mediadores de leitura, encontros regulares para compartilhar e ouvir histórias “e para momentos de especulação pessoal, de intimidade com os livros, depois comentam suas impressões, suas preferências, suas histórias singulares de leitores”.

[...] Alguém que manifesta à criança, ao adolescente, e também ao adulto, uma disponibilidade, uma recepção, uma presença positiva e o considera como sujeito. Os que viveram o mais distante dos livros e que puderam, um dia, considera-los como objetos próximos, companheiros, dizem que tudo começa com encontros, situações de intersubjetividade prazerosa, que um centro cultural, social, uma ONG, ou a biblioteca, às vezes a escola, tornam possíveis. Tudo começa com uma hospitalidade. [...] Graças a mediações sutis, calorosas e discretas, em vários momentos do percurso deles, a leitura entrou na experiência de cada um. Eles não se tornaram grandes leitores, mas os livros não os entediavam, não lhes botavam medo. Ajudaram a que colocassem mais palavras em suas histórias, a tornarem-se mais atores delas. Isso não seria suficiente para modificar radicalmente a linha de seus destinos sociais, mas contribuiria para que evitassem certas armadilhas (PETIT, p. 48, 2009).

Essa abordagem de aproximação nesse espaço da rua é tão importante quanto o momento da leitura propriamente dito, ela deve ser carregada de cuidado, deve ser planejada, para que o potencial leitor se sinta à vontade para buscar nos livros suas impressões, sua intimidade e liberdade com a história, com a leitura, o que faz da prática da leitura momento único, memorável, desejável. São experiências formativas para o fortalecimento da cultura da leitura, como pensamos e almejamos.

O exemplo da nossa realidade brasileira é o desenvolvido pela ONG “A Cor da letra”, em que vários centros de leitura foram instalados em hospitais, bibliotecas, centros sociais e culturais nos bairros urbanos pobres. Jovens e moradores da comunidade recebem formação para atenderem como mediadores de leitura, essa experiência por si só já é muito significativa. Pois o descrédito em relação aos jovens tanto da comunidade como por eles, é muito grande. Aos poucos eles mesmos vão adquirindo confiança e descobrindo o sentindo no “trabalho” de ler histórias para os outros como afirma uma jovem: “com este trabalho, não sou mais uma menina qualquer nessa comunidade, sou uma referência para as crianças, quando passo na rua, todos me reconhecem” e outra jovem completa: “Você sabe, as pessoas ouvem! Alguém prestou atenção em mim!” (PETIT, 2009, p. 48). Há uma mudança impactante na vida dos jovens mediadores de leitura que são da própria comunidade.

Outras experiências descritas por Petit (2009) mostram o quanto é fundamental a preparação dos mediadores de leitura, a organização do espaço, a abordagem escolhida para cada tipo de grupo. São vivências riquíssimas que agregam valores subjetivos, em lugares extremamente pobres de afeto, cuidado, cidadania e bens materiais.

Também podemos citar, Jorge Amado (1945) que, em uma das suas obras mais belas e contundentes sobre a infância, indica que o livro tem um lugar especial e mostra o arrebatamento da personagem “o Professor”, um menino que vive nas ruas de Salvador e não frequentou a escola, que se encanta com as histórias trazidas nos livros. Ele traduz com maestria o movimento dos meninos nas ruas e os livros:

[...] Professor está comendo os olhos de tanto ler aqueles livros de letra miúda. João Grande anda para onde está o Professor [...] (p. 24) Anda entre os grupos que conversam, entre as crianças que dormem, e chega para perto do Professor. Acocora-se junto a ele e fica espiando a leitura atenta do outro. João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tomara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem muitas noites, contava as outras histórias de aventureiros, de borne do mar, de personagens heroicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só esteve na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia (AMADO, 1945, p. 29-30).

Esse movimento do livro na rua, no caso do trapiche, desperta uma sensibilidade para a leitura, que leva a uma nova dinâmica na construção da cultura da leitura, que se amplia para o trato com o outro, com o cotidiano e com a visão de mundo.

Se a intimidade é estabelecida, pode-se dizer que alguma coisa na leitura, quer seja o tom, a voz, o olhar de quem conta, ou até mesmo a história contada, provocou sensações que desequilibraram a ordem posta, que era a cultura da não leitura.

O que fica na memória? É o que é importante a cada um, é o que nos ressignifica, que de alguma forma nos comove, nos move por dentro. A literatura enquanto prática social tem o poder de nos mobilizar internamente e fazer uma ponte com o outro, com o mundo que nos cerca. Uma boa leitura nos deixa uma boa lembrança.

O encanto pela leitura deixa marcas profundas no imaginário infantil. No caderno de registro do Leituras ao Vento³⁴, o depoimento de P. M, psicóloga e mãe de T, descreve sua emoção ao reencontrar um livro dos tempos da infância:

Me emocionei ao encontrar no acervo “Lúcia já vou indo”. Tem cheiro de infância, cheiro de saudades. Ganhei do meu pai quando criança e esse livro se perdeu com o tempo. Ao lê-lo, resgatei sentimentos, sensação, emoção e uma saudade imensa do meu pai já falecido (caderno de registro – Leituras ao Vento, 21 de agosto de 2011, Soprando histórias).

P.M. já adulta lembrou com carinho do livro que ganhou de seu pai quando criança, essa relação simboliza o afeto entre o pai e filha por meio do livro.

Também existe a possibilidade de afeto com o livro. Recorrendo à ficção, mais uma vez, Lispector (1998), descreve quão desejado é um livro por uma menina, que quando vê a impossibilidade de tê-lo externa a sua angústia e quando o possui se apropria de uma felicidade sem tamanho. A dona do livro tão cobiçado desdenha do desejo da menina e a faz “sofrer” um pouco todos os dias com suas negativas:

[...] Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo (LISPECTOR, 1998, p. 9-10).

E houve vários dias seguintes com a mesma negativa, até que a mãe da dona do livro descobriu e sentenciou o empréstimo:

[...] quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. [...] Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem

³⁴ Caderno de registro do projeto Leituras ao Vento – onde as pessoas que participam dos eventos assinam nome, idade e contato, por vezes também deixam mensagens.

quis ler! [...] disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer. Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. [...] Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim [...] Eu era uma rainha delicada (LISPECTOR, 1998, p. 11-12).

Vimos que o passeio do livro nas mãos do sujeito, conforme foi apresentado, fortalece a cultura da leitura onde ela já está instituída, e onde não existe, propicia sua construção. Os espaços públicos tomados, em especial pela criança, são espaços da construção da cultura da infância, justamente por serem autônomas. O mediador de leitura, só vai conseguir agir com esse público, se ele conseguir introduzir o livro nesse espaço, como elemento de mediação entre a criança e o mundo que se dá por ser livre de qualquer pressão - liberdade.

Algumas iniciativas literárias promovem ao público, a liberdade de conhecer, de exercer autonomia perante o mundo e uma experiência passível de ser transmitida. Essa experiência ao se fazer se faz dialogicamente e dessa forma se faz cultura.

Portanto, essas iniciativas são estratégias de construção da cultura da leitura. Não importa somente o acesso aos livros, mas sim, ressignificar os espaços públicos para a inserção de uma rede leitora que agregue atividades culturais, artísticas e literárias amplas conformando um escopo para a criação de políticas públicas nessa área.

Dessa forma, ao se discutir a ideia inicial do público, como também o contexto neoliberal e o movimento e a relevância da leitura e do livro surge constatação da urgência de políticas públicas e iniciativas outras que possam garantir a promoção de uma Cultura da Leitura, que atenda as demandas de leitura como prática social.

3.4. Direito à leitura

Quando eu era pequena, lá no norte da Europa, no Báltico, antes de vir para o Brasil, com dez anos de idade, eu era uma menina dura, que não chorava. Não chorava quando ficava doente, nem quando caía e me machucava, ou cortava o dedo e a mamãe desinfetava o corte com tintura de iodo, o que ardia muito; e nem quando papai ou mamãe me repreendiam, nem quando a minha prima me puxava pelos cabelos... Não chorava mesmo.

Vocês podem pensar que eu era, como se diz hoje, uma criança reprimida. Pois não é nada disso, não é por aí – mas isto já é outra história. O fato é que eu não chorava – talvez fosse porque não queria “dar o braço a torcer”, não queria fazer feio diante do irmão menor; ou talvez fosse por uma espécie de orgulho, sei lá.

Entretanto, chorar às vezes é tão necessário para uma criança como rir, ou sentir uma cosquinha de medo – de vez em quando.

Dá, havia dias em que eu sentia a necessidade de chorar.

O que é que eu fazia então? Não se espantem: eu lia.

Eu ia direto ler um dos meus “livros de chorar”.

Pois é. Eu tinha na minha estante – sim, porque eu tinha a minha própria pequena estante de livros, desde que me lembro de mim mesma – alguns livros com histórias que me faziam chorar toda vez que eu lia uma delas. Era um choro que eu me permitia, porque não era por um problema meu, uma queixa minha. Não era por minha própria causa, e sim por causa da história triste que eu acabava de reler.

Uma dessas histórias era, por exemplo, o conto “A menina dos fósforos”, de Anderson. A comovente história da meninazinha pobre e órfã, que morre de frio numa gélida noite de Natal, lá na Dinamarca, na rua onde era obrigada a vender fósforos aos transeuntes. Outra história, do mesmo Andersen, que me fazia chorar sempre, era a da ‘Pequena Sereia’, que se apaixonou por um ser humano que ela salvou de um naufrágio, e pediu para a bruxa do mar lhe dar pernas a fim de poder ficar na terra, com ele. E que as ganhou, ao preço de sentir dores lancinantes a cada passo que desse – só para no fim ver o seu amado casar-se com outra moça...

Mas a minha história de chorar preferida era um poema do maior poeta clássico russo, Aleksandr Púchkin: A história da Ursa-Parda.

O poema conta a história da ursa-mãe que, numa ensolarada manhã de primavera, saiu a passear na clareira com seus filhotes ursinhos, que brincam e rolam e dão cambalhotas na relva macia. Mas chega um caçador com um facão e um forcado e mata a ursa que defendia os filhotes, arranca-lhe a pele felpuda e carrega embora os filhotes, dentro dum saco. E a história termina com a notícia chegando ao Urso-Pardo, que chora e se lamenta, e com todos os bichos da floresta acorrendo para tentar consolar o infeliz esposo e pai...

Contada em versos belos e ritmados como música, essa história me fazia derramar rios de lágrimas, toda vez que a relia. E aliviava meu coração de criança que, evidentemente, por algum motivo, precisava desse alívio.

Aqui entre nós: confesso que essa história tão triste me comove até hoje. Com licença, vou pegar o meu lenço...

(BELINKY, 1990).

Se o livro fosse como uma folha de uma árvore em que no balançar do vento se desprende e saísse voando, com um destino incerto, veríamos muitos livros voando por aí, em direções contrárias se entrecruzando na mais total liberdade, em diversos telhados, gramados, lagos, campos e cidades. O livro não foi feito para ficar encarcerado, preso em caixas, salas e tempos. Seu destino são as mãos dos sujeitos.

Porém, esse destino, de certa forma, utópico, passou por um processo histórico de democratização. O Direito à leitura não era a todos, era apenas para uma parte da população mundial, no caso do Ocidente, que tivesse as seguintes características: homem, branco e de uma classe social e econômica privilegiada.

Na Antiguidade Clássica - quando as mulheres viviam sob restrições sociais e culturais, iletradas e privadas de direitos - revelou-se a intimidade da mulher com a leitura. Poucas são as fontes que tratam dessa afirmação, ou por insuficiência de registros, que na maioria das vezes foi feita pelos homens e que traz toda a subjetividade masculina, ou devido a falta de testemunhos femininos diretos. Credita-se a dificuldade das fontes ao papel quase invisível da mulher, dentro desse contexto grego e romano masculino (PORTELA, 2010).

Mesmos assim, houve “um público feminino com interesses literários específicos” e que suas atividades de leituras individuais e em grupos expressaram uma “cultura literária” feminina significativa na época. As poucas mulheres letradas foram exceções da regra ao se destacarem, mas nem por isso deixam de ser importantes.

Sim, há indícios de uma cultura literária própria das mulheres da Grécia e da Roma antiga. Portela (2010), pesquisadora portuguesa, traz em seus estudos sobre essa cultura literária, a análise dos documentos que tratam da iconografia, e que teve como ponto central da investigação “as mulheres representadas com rolos de papiro em documentos iconográficos ou referidas na literatura como sujeitos activos de leitura” (PORTELA, 2010).

Foram encontrados registros, entre outras, de duas poetisas que se destacaram: Safo³⁵ e Sulpícia³⁶ que deixaram suas marcas em poesias que falavam de amor e prazer. São nas fontes iconográficas, especificamente nos “vasos áticos de figuras vermelhas, no caso da Grécia da época clássica, e os afrescos de Pompeios, no caso da Roma imperial”, que são encontradas representações de mulheres leitoras. Assim, uma das representações

³⁵ Poetisa grega que viveu na ilha de Lesbos nos séculos VII-VI a.C.

³⁶ Poetisa romana da antiguidade, viveu durante o reinado de Augusto, provavelmente sobrinha do patrono das letras Marco Valeria **Messala** Corvino.

de Safo, em um dos vasos em que “a poetisa está sentada numa cadeira, a ler um rolo diante de três mulheres, uma das quais lhe segura uma coroa sobre a cabeça e outra levanta uma lira à sua frente” (PORTELA, 2010, p. 137) nos remete à “dimensão do rolo enquanto objecto de leitura” e nos induz a pensar num desenvolvimento de hábitos de leituras proveniente da leitura coletiva das poesias da poetisa.

Sabe-se, que as mulheres que se reuniam para ouvir e recitar poesias de Safo, presumivelmente, “tinham um nível de literacia acima da média” e, que provavelmente, “seriam leitoras habituais de poesia lírica, ainda que essa leitura não fosse individual e silenciosa, mas colectiva e cantada” (PORTELA, 2010, p. 136), diferentemente das outras mulheres, em sua maioria iletrada. A autora argumenta que não há indícios de ensino formal das letras para as mulheres nessa época. É no contexto familiar que a leitura e a escrita se aprendem, dependendo da casta e linhagem. As mulheres letradas são encontradas em famílias mais abastadas e também entre as mulheres “livres” – estas últimas as “hetairai”, um tipo de acompanhantes cultas, o mais alto grau de prostituta da Grécia Antiga, de acordo com a autora supracitada.

Se nos vasos áticos gregos se retratavam leituras coletivas, nos afrescos de Pompeios, no período romano, são representadas mulheres em leituras individuais e com instrumentos de escritas (PORTELA, 2010).

Diversos afrescos de Pompeios registram, além do cotidiano das famílias, o espaço e hábitos das mulheres, retratadas segurando nas mãos instrumentos de escritas como tabuinhas de cera e estiletes, ou rolos de papiros em poses absortas em suas leituras. Essas imagens são significativas, pois expõem um painel acerca da cultura literária feminina. Porém, não se sabe ao certo quão representativas são da realidade, o hábito da leitura representava um status a ser alcançado para serem reconhecidas como parte de uma elite mais nobre.

Nos afrescos de Pompeios também se evidenciaram círculos literários promovidos por pessoas importantes próximas ao Imperador, como Mecenas e Messala, que eram patronos das letras. Nesses círculos, havia mulheres escritoras. Semprónia e Cornifícia são citadas e elogiadas pelos poetas, mas nenhum registro de suas obras sobreviveu. Sulpícia, a mais conhecida e importante poetisa romana, sobrinha de Messala, fora incentivada à leitura literária de autores gregos e latinos, segundo pesquisadores. De sua obra apenas seis de suas elegias resistiram. (PORTELA, 2010).

Os registros iconográficos de mulheres leitoras nos acercam da cultura literária existente das poucas e importantes mulheres de uma época avessa à literacia feminina. As poetisas que se destacaram romperam com sistemas hermeticamente masculinos. Mesmo assim, os grandes poetas, reconhecidamente, valorizaram a mulher leitora e escritora deixando registros de suas qualidades e preferências reservando-lhes um papel de destaque na literatura universal. Muitos deles escreveram para “elas” e sobre “elas”. Temáticas como amor, beleza feminina e sedução, são recorrentes entre os poetas. Para Ovídio, poeta romano da antiguidade clássica (século I a.C), a mulher deveria ler muito mais:

O poeta considera que além de possuir encantos físicos, a mulher deve cultivar o espírito e saber ler poesia: aconselha-a a aprender os versos de Calímaco, os do poeta de Cós e os de Anacreonte; a saber a poesia de Safo de cor; a ler os versos do terno Propércio, de Tibulo e de Galo (*Ars*, 3.329-334). Ovídio recomenda ainda às mulheres que, além da poesia elegíaca e amorosa, se dediquem também à leitura de obras de maior fôlego (PORTELA, p. 158, 2010).

Contudo, esses registros de atividades literárias femininas, foram significativas para construção e permanência da cultura literária exercida na época; quer por meio da leitura de poesias, elegias e epigramas de teor apimentado, quer por meio da escrita por homens e mulheres de temas tão próximos do cotidiano. É um quadro interessante o que cerca a prática da leitura por mulheres e homens da antiguidade clássica, sendo possível traçar certa evolução da influência da mulher como leitora, escritora, temática e de seu cotidiano, como nos diz Portela:

[...] Na civilização grega, os rolos das mulheres não são objectos de leitura individual, mas auxiliares para a recitação colectiva de poesia lírica. Os rolos nas mãos de homens e rapazes surgiam associados a contextos escolares, mas nas das mulheres estavam relacionados com a música e a dança, em práticas quotidianas de natureza social e ritual. (PORTELA, 2010, p. 163).

Construiu-se um círculo literário marcante e evolutivo, com voz e pontos de vista femininos, mesmo que reduzido para um público seletivo e exclusivo, cerceando o que se lê, como por exemplo: a distinção do que as Matronas – mulheres honestas da alta sociedade, e as mulheres livres podiam ou não ler. Livros permitidos para as matronas eram do estilo “cor-de-rosa”, mas jamais os de caráter “picantes” que eram apenas para as livres. O poeta romano, Marcial, da antiguidade clássica, fez tal alusão em seus epigramas:

Até aqui foi escrito para ti, matrona, este livrinho de epigramas. Para quem são, perguntas, os poemas seguintes? Para mim. O ginásio, as termas, o estádio estão nesta parte: retira-te. Vamo-nos despir: dispensa-te de ver homens nus. (...) Se bem te conheço, já tinhas, com o cansaço, posto de parte o livro, porque longo; agora com renovado alento, o vais ler todo inteiro (PORTELA, 2010, p. 162).

Mesmo não sendo todas as leituras permitidas para as mulheres, certificamos a relevância da temática, preferências e autorias femininas que perpassou períodos e lugares da história e do tempo.

Robert Darnton, em sua obra “Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII” nos apresenta o lado sedicioso do livro proibido para homens e mulheres. Segundo ele, na França, no período pré-revolução, muitos livros foram proibidos de veicular: a edição, reimpressão e venda foram sumariamente tolhidos. Nos editos propagados e divulgados as proibições, mas como em sua maioria eram extraviados, se faziam circular várias listas de “maus livros”, ora produzidas pelos parlamentos, ora pelo Conselho do Rei, ora pelos bispos ou pela Assembleia Geral do Clero.

Porém, a noção de ilegalidade e legalidade era obscura e difusa. Não se sabia ao certo os critérios de proibição dos livros. Um determinado livro era permitido em uma região, mas em outra não. Os editos da época anunciavam: “São proibidos todos os livros que ferem a religião, o Estado e os costumes” (DARNTON, 1992, p. 14).

Vários foram os termos usados para designar os livros proibidos, mas foi um catálogo de 1775, organizado por livreiros clandestinos, que cunhou de “livros filosóficos” os “interditos”. Assim, obras como “Dicionário filosófico de Voltaire”, “Emílio de Rousseau” e “Enciclopédia de Diderot e D’Alembert” foram citadas nas listas ilícitas e só foram conhecidas por mais leitores depois de passar pelo Século das luzes (DARNTON, 1992).

Segundo o autor, formou-se então toda uma rede de comércio ilegal do livro, assim que era sentenciado ao veto, se construía um caminho clandestino de sucesso do livro: maior era seu preço, mais leitores eram criados pela curiosidade de lê-lo, e “mais edição” se fazia. Contraditoriamente, se fortaleciam os negócios de uma boa parte dos editores, livreiros, vendedores ambulantes e os pequenos varejistas do livro. Um bom negócio sobre o livro era feito, quando se sabia quais eram os livros do mercado negro, de quem comprar e para quem vender.

As punições iam de total isolamento para os livreiros, ou de castigos punitivos públicos nos casos dos vendedores ambulantes e pequenos varejistas, como consta no registro carcerário da Bastilha, explicitado por Darnton:

A 24 de setembro de 1768, o parlamento de Paris condena Jean Baptiste Josserand, empregado de armarinho[...]; Jean Lécuyer, negociante de roupas usadas; e a mulher deste, Marie-Suisse, por venda ambulante de livros como *Le christianisme dévoilé* (O cristianismo desvendado), *L’homme aux quarante écus* (O homem de quarenta escudos) e *La chandelle d’Arras* (A vela de Arras). Por três dias ficam acorrentados a postes no Quaid des Augustins, na Place des Barnabites e na Place de Grèves, com uma placa pendurada no pescoço na qual se lê “Vendedor de libelos ímpios e contra os costumes”. (DARNTON, 1992, p. 17).

A partir desse registro, Darnton complementa:

O carrasco avilta os dois homens inscrevendo na carne de seu ombro as letras GAL, de galérien [forçado das galés]. Enquanto Marie-Suisse é trancafiada na Salpêtrière por cinco anos, seu marido é condenado a cinco anos nas galés, e Josserand, a nove, seguidos de um banimento perpétuo do reino no caso, pouco provável, de que sobrevivesse à pena (DARNTON, 1992, p. 17).

Apesar de penas severas muitos livreiros prosperaram e “alguns se especializam na zona obscura em que os livros não de todo proibidos se cruzam com os não de todo permitidos” (DARNTON, 1992, p. 20). O próprio mercado dos livros é promissor. A produção dos livros ilícitos é tímida, mas existente e consistente. A princípio, é a permuta que sustenta o mercado negro. Por receio, não se utilizam de máquinas próprias, visto que, qualquer apreensão durante as vistorias do inspetor de livros à “casa editora” era fechada. Laboram em conseguir com editores menores, a lista “desejada” por seus clientes.

Conseqüentemente, a demanda cresce e é necessária a organização dos que trabalham para se obter livros tão especiais e de “melhor saída”, formando uma rede clandestina de produção, edição, venda e troca dos livros.

[...] essa arraia-miúda, composta de chefes de tipografia, caixeiros de loja, donos de colégio, pequenos livreiros e aventureiros intelectuais, publicou boa parte da literatura mais ousada de seu século. Esses pequenos editores montam uma oficina com uma ou duas impressoras e fontes de caracteres usados ou pagam a seus amigos tipógrafos para trabalhar secretamente por sua conta nas tipografias estabelecidas. Tendo conseguido um texto ímpio, pornográfico ou sedicioso, fazem com ele uma edição de mil exemplares, dos quais uma parte vendem pelas ruas “por debaixo do pano” e o resto, talvez a metade ou três quartos, trocam pelas contrafações anódinas dos grandes editores (DARNTON, 1992, p. 23).

Vale destacar, que este empreendimento para alguns foi bastante rentável, possibilitando até a expansão da “profissão” e do próprio negócio, como foi o caso de Nicolas Gerlache. (DARNTON, 1992).

Gerlache começou sua carreira como aprendiz de curtidor de peles; o curtume o levou à encadernação, e esta à venda ambulante. Com sua vasta experiência como vendedor ambulante de livros e contando com a “sorte” de casar com uma jovem rica, consegue se estabelecer como pequeno comerciante e monta sua primeira “loja de livros” no ano de 1770, seu principal produto, além dos livros lícitos foram os livros proibidos. Seus contatos com duas editoras conceituadas e livreiros atacadistas institui uma relação exitosa em certos períodos e conflituosa em outros, resultando em altos e baixos com os negócios, e atitudes audaciosas para tentar escapar de dívidas e da falência.

Com uma livraria montada, pela segunda vez, e com dificuldade de capital de livros tomou uma atitude ousada que foi “organizar uma sala de leitura; abastece-a com jornais e do que tira de seu estoque forma uma biblioteca, a qual põe à disposição dos leitores por três libras ao mês” (DARNTON, 1992, p. 74). Assim, seu “gabinete literário”, conquista além dos compradores, leitores assíduos que lhe dá uma renda mensal considerável; aumenta a demanda de livros em sua maioria proibidos, torna-se ponto de encontro de alguns literatos. Sua desenvoltura para lidar com reveses possibilitou expandir seus negócios, a proporcionar um ambiente de leitura a partir dos seus círculos literários:

Com quase nada, Gerlache pode montar uma livraria e improvisar um gabinete literário. Queremos uma obra irreligiosa, sediciosa, queimada pela mão do carrasco? Gerlache é o nosso homem. Conhece todos os bons endereços dos fornecedores de além-Reno e todos os caminhos para atravessar a fronteira. Trará nosso livro, o encadernará e, se não quisermos comprá-lo, o alugará; caso não tenhamos trinta soldos para pagar a assinatura do gabinete, encontrará outro interessado [...]. (DARNTON, 1992, p. 79).

Esses registros históricos³⁷ da cultura do livro e da leitura na França do século XVIII, proclamam a força do livro e a rede instalada para a sobrevivência da cultura literária. Além disso, contribuiu para o desvelamento da literatura clandestina, que resiste a ditos e editos morais contestando o pensamento ideológico monárquico do Antigo Regime. O confronto que ao mesmo tempo foi sutil, surtiu um efeito avassalador, por que a

³⁷ Arquivos da *Société Typographique* de Neuchâtel, na Suíça, conservada na *Bibliothèque Publique et Universitaire* de Neuchâtel.

literatura insurreccionada que transitava com liberdade revolucionária no mercado negro, sobreviveu e sedimentou a base do pensamento subversivo do contexto da Revolução Francesa. E vai além, Darnton (1992) em sua pesquisa riquíssima com registros históricos, nos traz um panorama da logística de livreiros, editores e vendedores ambulantes para a ampliação do mercado de livros e também nos apresenta uma lista dos livros mais solicitados, os mais vendidos e os mais proibidos.

Sua pesquisa não nos informa sobre os leitores – condição social, faixa-etária, preferências literárias e outros dados que nos forneçam com precisão, o perfil do leitor do século XVIII. Contudo, corrobora com a ideia de um levante de resistência que o livro e a leitura possibilitam. Consideramos a leitura com o poder emancipatório, libertador e transformador (FREIRE, 1983).

No Brasil, no mesmo período, podemos observar um movimento similar, com as restrições a publicações e leitura, e a forte censura da igreja católica de seu *index*³⁸. Os livros proibidos de D. Maria I, a Piedosa, evidenciam já naquela época a censura de livros. Essa censura era pautada em critérios que atendiam aos interesses da elite e da igreja daquele período. Mesmo assim o livro enquanto uma força de criação de uma cultura da leitura estava presente, ainda que fortemente ligada à cultura da elite europeia.

Contrapondo essa visão da proibição, as manifestações literárias brasileiras, são cada vez mais frequentes no século XIX. No percurso do império para a república, essas manifestações se espraiam das associações estudantis, já que o número de jovens da elite no cenário acadêmico se expande, e a aquisição da literatura que no início era unicamente estrangeira, principalmente a portuguesa e francesa, se intensificam pelos estudantes. Dessa forma, cria-se uma rede crítica, mesmo que leiga, de leitores e espaços onde a literatura é divulgada e discutida nas tradicionais “repúblicas, agremiações literárias, jornais e revistas” (CANDIDO, 2000, p. 137).

Surge, conseqüentemente, outro fenômeno que é a produção literária nacional, com as escolas literárias do romantismo até o modernismo, que impulsionaram a produção e propagação de uma literatura própria com identidade nacional. Essa construção da literatura nacional serve à “burguesia semiletrada” a qual Candido (2000) nomeava como público leitor da época. São manifestações que visam discutir assuntos referentes ao social, político e cultural.

³⁸ Lista de livros proibidos pela igreja católica no século XVI.

Com a República, o quadro social é modificado, a literatura começa a se difundir e não depende mais do grupo estudantil, porque ela passa a se manifestar em outros espaços e por meio de outros grupos da sociedade:

“[...] a literatura se torna acentuadamente social [...] manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais, nos salões que então aparecem” [...] “a literatura já não depende mais dos estudantes para sobreviver, nem eles precisam mais da literatura como expressão sua, para equilibrar-se na sociedade” [...] Deu-se um processo decisivo: a literatura é absorvida pela comunidade – antes impermeável a ela – deixa de ser manifestação encerrada no âmbito de um grupo multifuncional, ao mesmo tempo produtor e consumidor”. (CANDIDO, 2000, p. 142).

O livro *Capitães da Areia*, escrito por Jorge Amado e publicado em 1937, no contexto do governo de Getúlio Vargas e as vésperas do Estado Novo- retrata o cotidiano de um grupo de meninos que moram num trapiche e sobrevivem de furtos e negociatas nas ruas de Salvador da década de 30 - se juntou a outros livros de escritores brasileiros que criticavam a realidade social do campo e da cidade, acusados pelo regime de defenderem o comunismo, foram queimados em praça pública como consta na ata de incineração:

Aos dezenove dias do mês de novembro de 1937, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executora do Estado de Guerra, [...] foram incinerados, por determinação verbal do sr. coronel Antônio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: 808 exemplares de *Capitães da areia*, 223 exemplares de *Mar morto*, 89 exemplares de *Cacau*, 93 exemplares de *Suor*, 267 exemplares de *Jubiabá*, 214 exemplares de *País do carnaval*, 15 exemplares de *Doidinho*, 26 exemplares de *Pureza*, 13 exemplares de *Bangüê*, 4 exemplares de *Moleque Ricardo*, 14 exemplares de *Menino de Engenho* [...] (DUARTE, Eduardo de Assis. *Leitura e cidadania*, 1996).

Mesmo com o livro censurado e queimado em praça pública, e sendo preso e exilado, Jorge Amado alcançou reconhecimento e o título simbólico de escrever “literatura social”, devido aos livros escritos na primeira fase do autor, na década de 30, denominado por Álvaro Cardoso Campos (apud Souza & Macedo) como “romance de proletariado” como ficaram conhecidos os seguintes livros: *Capitães da Areia*, *Jubiabá* e *Mar Morto* entre outros da mesma época, que traziam temáticas críticas a exploração do homem pelo trabalho e as desigualdades e problemas sociais, se configurando como uma literatura de resistência.

Capitães da Areia se destaca por ser uma obra até hoje considerada de inestimável valor histórico, crítico e atual, permeando reflexões vorazes da sociedade burguesa e capitalista. O contexto da cidade de Salvador reflete o processo da industrialização que acontece nas outras capitais do país como Rio de Janeiro e São Paulo, mesmo não tendo um desenvolvimento industrial vigoroso, o processo da urbanização, o incremento da atividade comercial e o êxodo rural figuram uma cidade eferescente as mudanças de grande porte que acontecem em outros lugares.

Ao trazer esse exemplo, ressaltamos características de uma literatura de resistência presente nos regimes ditatoriais assim como outras artes, que expõem de forma lírica problemas escamoteados da sociedade, que vai contra o que está posto, tanto para contestar como para resistir e permanecer. A força de pensamentos livres e atos revolucionários – no sentido etimológico da palavra – revolver, balançar estruturas permanentes é oriunda da literatura enquanto prática social, transformadora.

Há um fortalecimento da instituição escola, devido a criação de escolas públicas, influenciado pelo ideário positivista “escola para todos”. A preocupação em instruir o povo para garantir o progresso chega com força total. Para tanto, é necessário fomentar a leitura na escola, cria-se então as bibliotecas públicas que se expandem ainda para um tímido leitor. Garantindo o acesso à escola, o livro se torna um instrumento importante na ascensão social. Proliferam-se editoras, produções literárias e bibliotecas sem muros, esta última sem o alcance esperado, constituindo não só um público leitor, mas também uma rede leitora em potencial (SOARES, 2002).

O Movimento Poetas na Praça (MPP), com o objetivo de incentivar o retorno da poesia oratória, levou para as praças públicas de Salvador, na primeira década da ditadura, muitos poetas expressando seus poemas de forma espontânea e despreocupados com a estética literária, chegando ser chamada de *marginal*³⁹ (SILVA, 2008).

Não entraremos na discussão da estética poética e sim desse movimento que tomaram as ruas e praças de cidades, em pleno regime militar. Movimento iniciado no eixo Rio-São Paulo foi levado para a Bahia e agregou características mais regionais, com música, teatro e feira de artesanato e de livros. Eram declamações performáticas que lembravam o gênero repentista e cordelista tão usual da arte mambembe nordestina entre outras referências.

³⁹ Poesia com característica de ruptura com a poesia tradicional, instaurada no período de perseguições políticas a artistas e intelectuais brasileiros, e que teve como precursores: Chacal, Charles, Cacaso, Francisco Alvim e outros (SILVA, 2008).

Silva (2008) afirma que:

[...] a poesia do MPP, pelo menos grande parte dela, está diretamente relacionada com a repressão imposta pelo governo militar, com a perda da liberdade de expressão e de certos valores morais e éticos e com a angústia que leva muito de seus seguidores e reflexões existenciais de profunda depressão, afirmamos que aí se encontra a sua literariedade, sua ruptura e sua resistência, pois ela se articula como tal, sempre se afirmando e se impondo [...] porque essa literatura é porta voz de toda uma coletividade (SILVA, 2008, p. 78).

Então, o que queremos mostrar é a condição da literatura que humaniza, que nos retira de nós mesmos num determinado ponto, para que sejamos outro. O que apresentamos, é o estado “perigoso” da leitura, que revolve de tal forma o já estabelecido em nós, como aquilo que é estabelecido socialmente num sistema de padrões culturais que expressam a ideologia dominante.

O manifesto ao direito à literatura de Candido (1995) se configura como possibilidade de reflexão numa sociedade em que a cultura da leitura é violada, castrada e invisibilizada, restrita a poucos. Ao se propor literatura como Direito, o autor desvela uma necessidade inerente a todo e qualquer ser humano e suas relações no tempo e no espaço:

[...] a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (p.9)

As reflexões trazidas por Candido, da necessidade da literatura como direito universal, é abordada metaforicamente, na sociedade distópica apresentada por Bradbury (2012) em que livros são caçados e queimados de forma institucionalizada, em que a maioria da população, alienada, legitima esse comportamento nocivo como intervenção necessária à ordem social. Quem transgride essa lógica cultural e social é marginalizado e também enalçado como criminoso, portanto a única saída para aqueles que acreditavam na importância dos livros:

[...] é guarda-los na cabeça, onde ninguém virá procurá-los. Somos todos fragmentos e obras de história, literatura e direito Internacional [...] passaremos os livros adiante a nossos filhos, de boca em boca, e deixaremos que nossos filhos, por sua vez, sirvam a outras pessoas. É claro que muito se perderá dessa maneira. [...] - Quanto de vocês existem? – Milhares nas estradas, nos trilhos abandonados, hoje à noite, vagabundos por fora, bibliotecas por dentro. A princípio, nada foi planejado. Cada homem tinha um livro de que desejava se lembrar e lembrou (BRADBURY, 2012, p. 185-186).

O Direito à Literatura perpassa por interesses políticos e econômicos, quando a indústria editorial avalia e decide o que produzir, por exemplo. A literatura que se destina a essa ou aquela classe social, a essa ou aquela faixa-etária, a esse ou aquele gênero, a essa ou aquela área do conhecimento teórico científico aí perpassa a condição de literatura e promove outras diferenças de classe.

Essa relação dos interditos históricos com o direito à literatura, a leitura com ascensão social, padrão de *status quo*, fazendo comparação com os interditos atuais - Sociedade Líquida, indústria Cultural e globalização neoliberal nos faz refletir o direito à literatura que serve para a construção de uma nova cultura da leitura. A leitura da palavra em forma de texto significa um avanço no processo de humanização (CÂNDIDO, 1995).

O caminho percorrido no processo de desenvolvimento da cultura da leitura, as condições sociais, econômicas, culturais são ditadas pela organização social vigente, seus interesses e valores. Na atualidade, essa engrenagem não se altera, interesses e valores sociais, são novamente impostos à sociedade. E em meio a isso podemos pensar a leitura como direito que tem que ser assegurado para a criança e o adolescente em instâncias públicas além das escolares.

Os artigos 4º de maneira geral e dentro do escopo dos direitos do cidadão e mais especificamente os artigos 53 e 59 do Estatuto da Criança e Adolescente já garantem o direito à Cultura e a Educação. O Art. 59 faz a explícita referência a reserva de espaços: “Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação em questão pautou-se nas nossas indagações iniciais no que se refere a compreender para então estimular leituras em espaços públicos, especialmente para crianças e adolescentes.

Tais questionamentos conduziram para a proposição dos objetivos que foram: localizar iniciativas de leituras em ambientes públicos e analisar as características da situação da leitura em ambientes públicos. A partir daí, constituímos um grupo de questões norteadoras que auxiliassem na busca de características e padrões de cada iniciativa literária pesquisada, para que compreendêssemos como se apresenta a situação da leitura nos dias de hoje, tocando episódios históricos e cruzando com as iniciativas literárias atuais.

Entendemos que esse seria um trabalho primeiro e necessário para uma segunda etapa da investigação, que pretende contribuir com subsídios para a implementação de iniciativas literárias, baseado também em nossas propostas para políticas públicas que sirvam ao incentivo à leitura e a toda a engrenagem de acesso ao livro nos espaços públicos. O estudo das iniciativas literárias aqui apresentadas nos serve de inspiração, por serem iniciativas de relativo sucesso e continuidade no tempo, para pensarmos teoricamente e fundamentar o que pode ser uma valorização da leitura em espaço público e o estímulo ao desenvolvimento da cultura da leitura, objetivos do trabalho.

Os estudos históricos apresentados referentes à literatura evidenciam uma literatura crítica, uma literatura de resistência ao poder. Entendemos que é salutar a ação de ocupar os espaços com propostas literárias de forma lúdica, amistosa e eficiente, que podem ser compreendidas, também, como ações de resistência, considerando a tendência neoliberal existente de privatização do espaço público. A promoção da cultura da leitura, pelos seus aspectos de fortalecimento de vínculos comunitários, pode ser assim entendida.

As iniciativas citadas constituem uma intervenção necessária e exitosa para facilitar o acesso aos livros e a aproximação do público a diferentes gêneros literários. Apresentadas de forma sucinta, a partir delas levantamos características gerais para análise, como: ausência/presença de relações governamentais; recursos financeiros/humanos e estruturação (física e teórico- metodológica).

A visão geral dessas iniciativas nos permite presumir as características gerais de uma iniciativa de incentivo à leitura que realmente funcione e sugerir possíveis linhas de ação governamental para transformar iniciativas em políticas públicas.

Detectamos que o mediador de leitura é de fundamental importância no processo da criação e fortalecimento da cultura da leitura, e que se faz necessária uma formação adequada (humanizadora) que se permita conhecer além dos conteúdos de leitura, estratégias de abordagem humanizadoras, pois muitas das iniciativas trabalham com públicos de diferentes contextos sociais, no caso da nossa investigação, os locais de atuação são distintos, mas em sua maioria em ruas e praças de bairros populares. Mediadores de leitura em espaços públicos são educadores sociais, e o seu trabalho constitui um saber especializado. Porém ao analisarmos por esse enfoque, acreditamos que este trabalho é prejudicado pelo fato de ter características de voluntariado, trabalho não remunerado e sem fins lucrativos; isso faz com que educador social que se dedica à área do incentivo à leitura tenha que manter uma outra ocupação que lhe permita qualificação, valorização, estabilidade e profissionalização.

A formação deve privilegiar o conhecimento de estratégias de abordagem que se diferenciam nos quesitos faixa-etária, gênero e contexto social. Para cada público e contexto, o mediador deve estar preparado para intervir e levar o conhecimento dos livros, da comunidade e de cidadania, pois os temas lidos e discutidos pelos grupos extrapolam a estética literária.

O espaço público, se bem aproveitado, é um aliado das iniciativas de leitura. Por ser um espaço diferenciado, relativamente livre, lúdico, sem paredes, aberto a quem quer participar do que ali ocorre, torna-se convidativo, um verdadeiro chamariz à ação cultural variada. É um espaço da população, no sentido das possibilidades de sua apropriação a partir das iniciativas que demandam estruturação, organização, com objetivos definidos e avaliação de resultados.

As iniciativas de leitura podem, contra hegemonicamente, servir como ações coletivas, solidárias, que alimentem o espírito de comunidade e produzam cultura, combatendo assim a tendência de privatização do espaço público, presente no avanço neoliberal que observamos nesses tempos líquidos.

Outro subsídio é implementar a educação social como política pública para que as iniciativas literárias em espaços públicos não sejam casuais. No início da pesquisa até o presente momento algumas mudanças ocorreram em Maringá no cenário literário. O edital

Aniceto Matti⁴⁰, tem como proposta incentivar iniciativas de diversas áreas, e que no ano de 2015, contemplou três iniciativas na área da Literatura e Leitura. Vimos, portanto um avanço na questão do fomento de iniciativas literárias com recursos financeiros públicos.

Essas iniciativas de incentivo à leitura estão operando na cidade e são remuneradas pelo governo por meio dos contratos firmados com incentivadores que tiveram seu projeto aprovado. Contudo, esses contratos são limitados no tempo e não resolvem o problema da profissionalização e estabilidade dos mediadores de leitura. Também não resolvem o problema da continuidade no tempo e aperfeiçoamento dessas iniciativas.

As iniciativas de leitura se caracterizam por criarem um ambiente livre de pressões e abertos a liberdade de expressão. Ela se inicia no espaço e se expande para a leitura e para a interação leitores e livros e dos leitores entre si. A partir daí a ação cidadã se torna possível abrindo as portas para aquisição de conhecimento e para a sua circulação. A liberdade, portanto, é um pilar da formação de uma cultura da leitura nessas iniciativas, pois aprimora as possibilidades de diálogo entre mediadores, leitores e autores e suas obras.

Do ponto de vista governamental, políticas públicas para valorizar e garantir direitos historicamente violados precisam ser realizadas com rigor, empenho e constância. Por mais que observamos iniciativas particulares bem sucedidas, elas se apresentam como ilustração de um porvir. As iniciativas governamentais carecem ampliar-se potencialmente para espaços onde a educação e a cultura se elevem como estética, onde a busca do belo seja a razão maior na arte de ler, em que as relações subjetivas e objetivas tenham como destino a transformação e a invenção de conceitos novos na atividade sempre contínua de nos humanizarmos.

Ainda que o tempo não nos tenha permitido um maior aprofundamento dos temas tratados, pensamos que esta investigação contribui para refletirmos principalmente sobre a ausência de iniciativas sólidas do poder público quanto à necessidade de tratar o problema do aproveitamento do espaço público com a cultura, mais especificamente com iniciativas

⁴⁰ O Prêmio **Aniceto Matti** é um Concurso aberto com fundamento na Lei nº 9.160/2012, conhecida como Lei de Incentivo à Cultura. Em 2014 foi aberto pelo Edital de Concurso nº. 001/14 – processo nº. 558/2014 – tendo como objeto a realização de Concurso Público para a seleção de projetos que visem o desenvolvimento de atividades artísticas em âmbito do município de Maringá-PR, para os anos de 2014 e 2015, através da Secretaria Municipal da Cultura (SEMUC), nas categorias Patrimônio Cultural, Artes Populares, Artes Visuais, Artes Cênicas, Literatura e Leitura, Música; Audiovisual e Projetos Culturais Iniciantes. Fonte: Disponível em: <http://naosoupatriciamaisoupoeta.blogspot.com.br/2014/11/aprovadas-no-premio-aniceto-matti.html>

que possam trabalhar a leitura e seu incentivo como política de fortalecimento de vínculos comunitários e de formação humana.

Pensamos que futuras investigações podem aprofundar a reflexão teórica relacionada à necessidade de ação contra hegemônica de reversão da tendência de privatização dos espaços públicos buscando preservá-los para o diálogo e a convivência. E também focar no estudo mais acurado das políticas públicas disponíveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDERSON, Perry. **Balanço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. (9-34).

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editora, 2007.

BELINKY, Tatiana. **Bidínsula e outros retalhos**. São Paulo: Atual, 1990.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel pega fogo e queima**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2012.

BRASIL. **Decreto Nº 7.559**, de 1º de setembro de 2011. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei Federal nº. 8.069, de 13 de junho de 1990.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1974.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A função social da leitura da literatura infantil**. Enc. **Bibli: R. Eletr. Bibliotecon**. Ci. Inf., Florianópolis, n. 15, 1º sem. 2003.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

_____. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DANIEL, Leticia Weiller. **Espaços livres urbanos**: praças públicas centrais de Maringá. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. **Edição e Sedição**: o universo da literatura clandestina no século XVIII. Trad. Myriam Campello. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2ª ed. Petrópolis. Editora Vozes, 1979.

FORD, Henry. **Minha vida e minha obra**. 2ª ed. São Paulo: Freitas Bastos, 1964.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GRANJEIRO, Glória Valadares. **Leitura no Sítio**: Histórico e relatos de atividades. Projeto, 2009.

GRIBEL, Christiane. **Depois da Montanha Azul**. Ilustrações de Bebel Callage. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Edições Loyola 1992.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49 – São Paulo, junho de 2002.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 21ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Vol. II – Necrose. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

PAVIANI, N. M. S. **Hábito da leitura como uma prática cultural**. In: Flávio Loureiro Chaves; Elisa Battist. (Org.). *Cultura regional: língua, história, literatura*. 2. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, v. 2, p. 81-95.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo, Ed. 34, 2009.

PORTELA, Joana Abranches. Os rolos das mulheres na Antiguidade Clássica: adereços de cultura ou livro de leitura. **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**. 14 (2012).

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. 14ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2009.

SILVA, Souza. **Movimento Poetas na Praça**: uma poética de ruptura e resistência. São Paulo, 2008.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo, Editora Atlas S.A, 1995.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, PR: Eduem, 2006.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Infância, escola e pobreza: ficção e realidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.